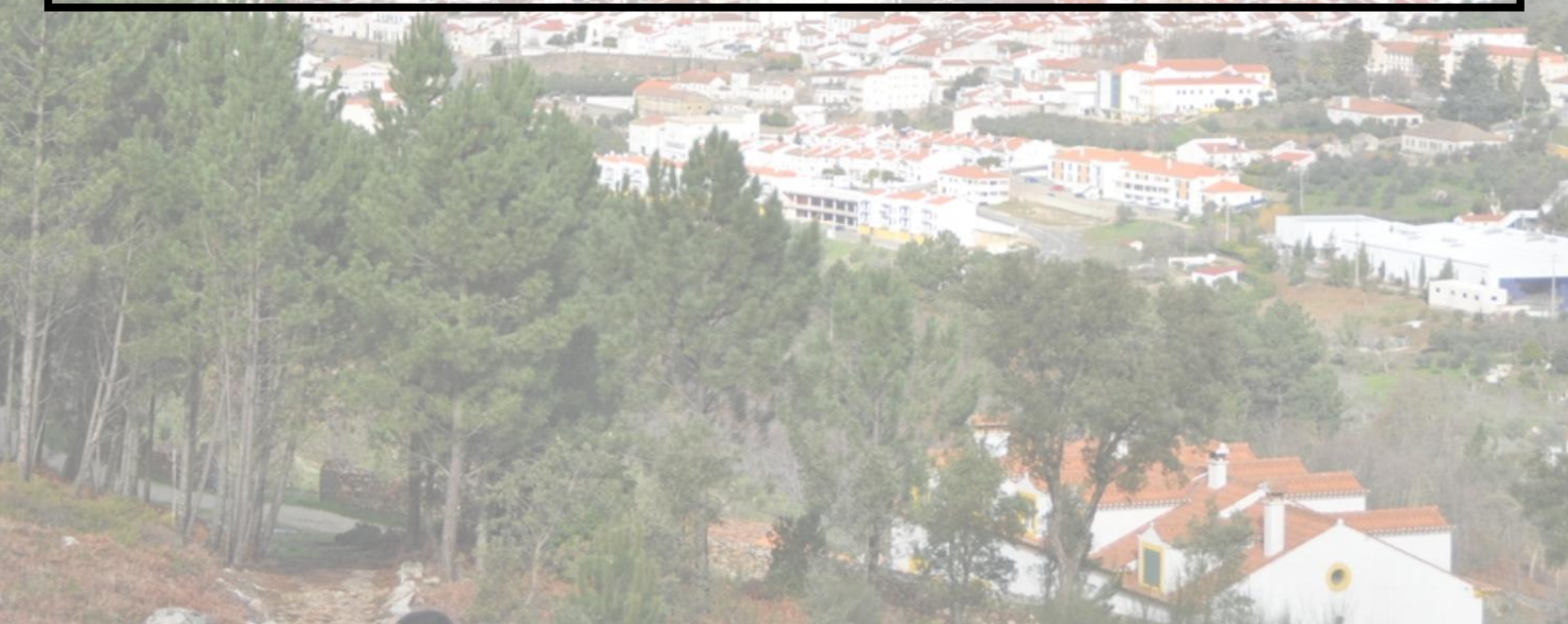


Município de Castelo de Vide
Comissão Municipal de Defesa da Floresta



PLANO MUNICIPAL
DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS
CADERNO I
2015-2019



Gabinete Técnico Florestal
PMDFCI elaborado como o apoio do Fundo Florestal Permanente

ÍNDICE

1. CARATERIZAÇÃO FÍSICA.....	6
1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	6
1.2. HIPSOMETRIA.....	6
1.3. DECLIVE	6
1.4. EXPOSIÇÃO	7
1.5. HIDROGRAFIA.....	7
2. CARATERIZAÇÃO CLIMÁTICA	7
2.1. TEMPERATURA DO AR.....	8
2.2. HUMIDADE RELATIVA DO AR.....	9
2.3. PRECIPITAÇÃO	10
2.4. VENTO.....	11
3. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	13
3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1991/2001/2011 E DENSIDADE POPULACIONAL (2011)	13
3.2. ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E SUA EVOLUÇÃO (1991 - 2011)..	15
3.3. POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE (2011)	15
3.4. TAXA DE ANALFABETISMO (1991/2001/2011).....	16
3.5. ROMARIAS E FESTAS.....	16
4. CARATERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS	17
4.1. OCUPAÇÃO DO SOLO	17
4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS	18
4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE/ZEC) E REGIME FLORESTAL	20
4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL	20
4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E PESCA.....	20
5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS.....	21
5.1. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO ANUAL	22
5.2. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO MENSAL	27
5.3. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL	29
5.4. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA	31

5.5.	ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA	33
5.6.	ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS.....	35
5.7.	ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO.	37
5.8.	PONTOS PROVÁVEIS DE INÍCIO E CAUSA	39
5.9.	FONTES DE ALERTA	40
5.10.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA≥100HA) – DISTRIBUIÇÃO ANUAL.....	40
5.11.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA ≥100HA) – DISTRIBUIÇÃO MENSAL	43
5.12.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA≥100HA) – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL	45
5.13.	GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA≥100HA) – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA	47
ANEXOS I – MAPAS CADERNO I		49

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Valores mensais de temperatura no concelho de Castelo de Vide	9
Gráfico 2. Valores mensais de humidade relativa no concelho de Castelo de Vide	10
Gráfico 3. Valores mensais de precipitação no concelho de Castelo de Vide.....	11
Gráfico 4. Distribuição anual da área ardida e do n.º de ocorrências (2004 – 2013)	23
Gráfico 5. Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2008 – 2012, por Freguesia	24
Gráfico 6. Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média no quinquénio 2008 – 2012 por espaços florestais em cada 100 ha, por Freguesia.....	26
Gráfico 7. Distribuição mensal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média do período 2003 – 2012	28
Gráfico 8. Distribuição semanal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média do período 2003 – 2012	30
Gráfico 9. Distribuição dos valores diários acumulados da área ardida e do número de ocorrências (2003 – 2013)	32
Gráfico 10. Distribuição horária da área ardida e do número de ocorrências (2003 – 2013).....	34
Gráfico 11. Distribuição da área ardida em espaços florestais (2009-2013).....	36
Gráfico 12. Distribuição da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão (2009 – 2013)	38
Gráfico 13. Distribuição das Ocorrências verificadas no concelho de Castelo de Vide de acordo com a fonte de alerta.....	40
Gráfico 14. Distribuição anual da área ardida e número de ocorrências dos grandes incêndios (2004-2013).....	42
Gráfico 15. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média do período 2003-2012 – Grandes Incêndios (≥ 100 ha)	44
Gráfico 16. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média do período 2003-2012 – Grandes Incêndios (≥ 100 ha)	46
Gráfico 17. Distribuição horária da área ardida e número de ocorrências 2003-2013 – Grandes Incêndios	48

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Médias mensais da frequência e velocidade do vento no Município de Castelo de Vide para o período de 2002 a 2006	13
Quadro 2. População Residente no Concelho de Castelo de Vide.....	14
Quadro 3. Densidade Populacional no Concelho de Castelo de Vide	14
Quadro 4. Romarias e Festas no Concelho de Castelo de Vide	17
Quadro 5. Uso e Ocupação do Solo no Concelho de Castelo de Vide.....	18
Quadro 6. Distribuição das Espécies Florestais no concelho de Castelo de Vide (ha). 19	
Quadro 7. Total de incêndios e causas por Freguesia (2009 – 2013)	39
Quadro 8. Valores totais da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão (2004-2013)	41

ANEXO I

Mapa nº 1 – Mapa de Enquadramento geográfico do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 2 – Mapa Hipsométrico do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 3 – Mapa de Declives do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 4 – Mapa Exposições do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 5 – Mapa Hidrográfico de concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 6 – Mapa da População residente e densidade populacional do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 7 – Mapa do Índice de envelhecimento e sua evolução no concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 8 – Mapa da População por setor de atividade (2011) no concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 9 – Mapa da Taxa de alfabetismo (1991/2001/2011) no concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 10 – Mapa do Uso e ocupação do solo no concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 11 – Mapa de Povoamentos florestais do concelho de Castelo de Vide

Mapa nº 12 – Mapa das Áreas protegidas, Rede Natura 2000 e Regime Florestal do Município de Castelo de Vide

Mapa nº 13 – Mapa de Instrumentos de Planeamento Florestal

Mapa nº 14 – Mapa de Equipamentos florestais de recreio, zona de caça e pesca

Mapa nº 15 – Mapa das Área ardida e número de ocorrências do Município de Castelo de Vide

Mapa nº 16 – Mapa dos Pontos prováveis de início do Município de Castelo de Vide (2009 – 2013)

Mapa nº 17 – Mapa dos Grandes incêndios (área > 100 ha) do Município de Castelo de Vide (2004-2013)

1. CARATERIZAÇÃO FÍSICA

1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Localizado no Distrito de Portalegre a uma Latitude de 43° 65' Norte e Longitude de 33° Este, o Município de Castelo de Vide apresenta uma área de 265,8 Km² distribuídos pelas freguesias de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas (72,8 Km²), Santa Maria da Devesa (56 Km²), Santiago Maior (59,8 Km²) e São João Baptista (77,2 Km²).

Em termos administrativos insere-se na Circunscrição Florestal do Sul, Unidade de Gestão Florestal do Alto Alentejo, e NUTS III da mesma sub-região, fazendo fronteira a Norte e Oeste com o Município de Nisa, a Sul com Portalegre, a Sudeste com Marvão e a Nordeste com Espanha (**Mapa nº 1**).

1.2. HIPSOMETRIA

A altitude é um fator orográfico de grande importância ao nível do planeamento DFCI, uma vez que a sua variação provoca a alteração de vários elementos edafo-climáticos e, consequentemente a alteração na composição do coberto vegetal.

No concelho de Castelo de Vide a altitude varia entre os 120 e os 782 metros, verificando-se na parte Sul do concelho as cotas mais elevadas.

Apresentando um relevo irregular, podemos assumir que este fator poderá ser limitante ao nível de DFCI, e como tal exigir um esforço acrescido por parte das equipas responsáveis pela DFCI, principalmente nas zonas de maior altitude (**Mapa nº 2**).

1.3. DECLIVE

O declive exerce grande influência na infiltração de águas, no processo de erosão e no ângulo de incidência dos raios solares.

Ao mesmo tempo o declive influencia o comportamento dos incêndios, potenciando o seu efeito destruidor e acelerando a sua propagação.

No concelho de Castelo de Vide é possível constatar que a maior parte da área do município (cerca de 86%) possui declives pouco acentuados, variando entre os 0 e os 10°, encontrando-se os declives mais acentuados nas zonas denominadas de Serra de São Paulo, Cabeço da Urra e no vale do Rio Sever (**Mapa 3**).

1.4. EXPOSIÇÃO

A exposição de um terreno corresponde à sua orientação geográfica, condicionando esta o grau de insolação a que este está sujeito e consequentemente o teor em humidade dos combustíveis e a sua inflamabilidade.

Em Portugal, geralmente as vertentes Sul e Oeste, apresentam condições climáticas e um mosaico de vegetação, com abundância de espécies esclerófitas, favorável à rápida inflamação e propagação do fogo, contrariamente as vertentes Norte (humbrias) e Este ardem mais lentamente e desenvolvem menores temperaturas.

Analisando a carta de orientações de encosta do concelho, podemos concluir que as encostas mais sensíveis à eclosão e propagação do fogo, ocupam no total cerca de 40% da área do concelho, devendo estas ser merecedoras de um planeamento estrutural mais intenso, bem como de uma atenção redobrada ao nível da vigilância (**Mapa 4**).

1.5. HIDROGRAFIA

O concelho de Castelo de Vide é percorrido por vários cursos de água, dos quais podemos destacar pela sua importância e abrangência, o Rio Sever, e as Ribeiras de São João, de Nisa e de Vide. Além dos cursos de água existentes, o concelho apresenta ainda um número significativo de barragens e charcas, das quais podemos destacar pela sua dimensão e importância estratégica a barragem de Póvoa e Meadas e a ligação desta à barragem do Poio.

A observação do mapa hidrológico do concelho de Castelo de Vide (**Mapa 5**), permite-nos afirmar que o mesmo apresenta uma rede hidrológica bem distribuída, a qual se apresenta como uma mais valia a nível de DFCI, nomeadamente no apoio ao combate a incêndios, que possam deflagrar.

No entanto as linhas de água poderão também constituir-se como um obstáculo intransponível na colocação e/ou deslocação dos meios terrestres no teatro de operações, sendo estas uma variável importante na definição das estratégias de combate.

2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

O Município de Castelo de Vide encontra-se inserido maioritariamente, na zona ecológica Submediterrânica (Albuquerque, 1957), apresentando um clima de influência maioritariamente mediterrânico e continental, caracterizado por elevadas amplitudes

térmicas, com uma estação seca e quente no verão (junho a setembro) e invernos frescos e rigorosos, mas com baixa pluviosidade.

2.1. TEMPERATURA DO AR

A temperatura do ar é um parâmetro meteorológico de grande importância no crescimento e desenvolvimento das plantas. Na região onde se insere o concelho de Castelo de Vide, a variação da temperatura é condicionada por diversos fatores, nomeadamente, pelo relevo, pela latitude, pela natureza do coberto vegetal, pelo afastamento ao mar e pelo regime dos ventos.

A temperatura do ar influencia, entre outros aspetos, a humidade do ar, a humidade dos combustíveis e consequentemente o grau de inflamabilidade destes, sendo que quanto mais elevada for a temperatura do ar menor será a percentagem de humidade presente nos combustíveis e teoricamente maior será a probabilidade de deflagração de incêndios e a dificuldade em os extinguir.

A observação do **Gráfico 1**, permite-nos constatar que no período estival (junho a setembro), a temperatura média varia entre os 19,9 e os 23,5 °C, sendo que a média das máximas se situa entre os 25,4 e os 29,7 °C.

Relativamente à influência ao nível da DFCI, conclui-se que temperaturas elevadas como as verificadas no concelho de Castelo de Vide durante o período estival, favorecem a deflagração de incêndios e aumentam grandemente o grau de dificuldade de supressão com que os meios de combate se irão deparar.

Valores mensais da temperatura média, médias das máximas e valores máximos no concelho de Castelo de Vide (1971 - 2000)

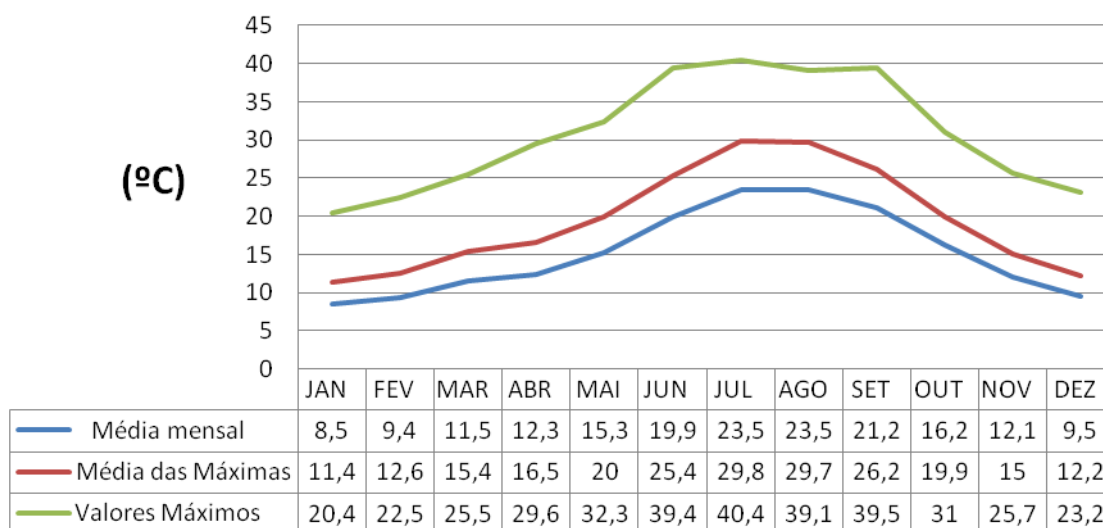


Gráfico 1. Valores mensais de temperatura no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Instituto de Meteorologia, 2012

2.2. HUMIDADE RELATIVA DO AR

A humidade relativa do ar traduz a relação entre a quantidade de vapor de água que existe numa massa de ar e a quantidade que satura essa massa de ar à mesma temperatura, exprimindo-se em percentagem.

É de salientar que os valores mais baixos de humidade relativa do ar observam-se no mesmo período em que a precipitação é menor e a temperatura é mais alta, o que favorece uma maior suscetibilidade à ocorrência de incêndios e propagação dos mesmos.

No concelho de Castelo de Vide, podemos observar que os valores médios mensais da humidade relativa (**Gráfico 2**), como seria expectável, diminui bastante no período estival, altura em que atinge valores médios inferiores a 50%.

Ao nível da DFCI, estes valores diminutos de humidade relativa do ar, concentrados no período estival, quando também as temperaturas são por norma mais elevadas, levarão ao aumento da probabilidade de ocorrência de incêndios, bem como a um acréscimo da dificuldade dos meios no combate aos incêndios.

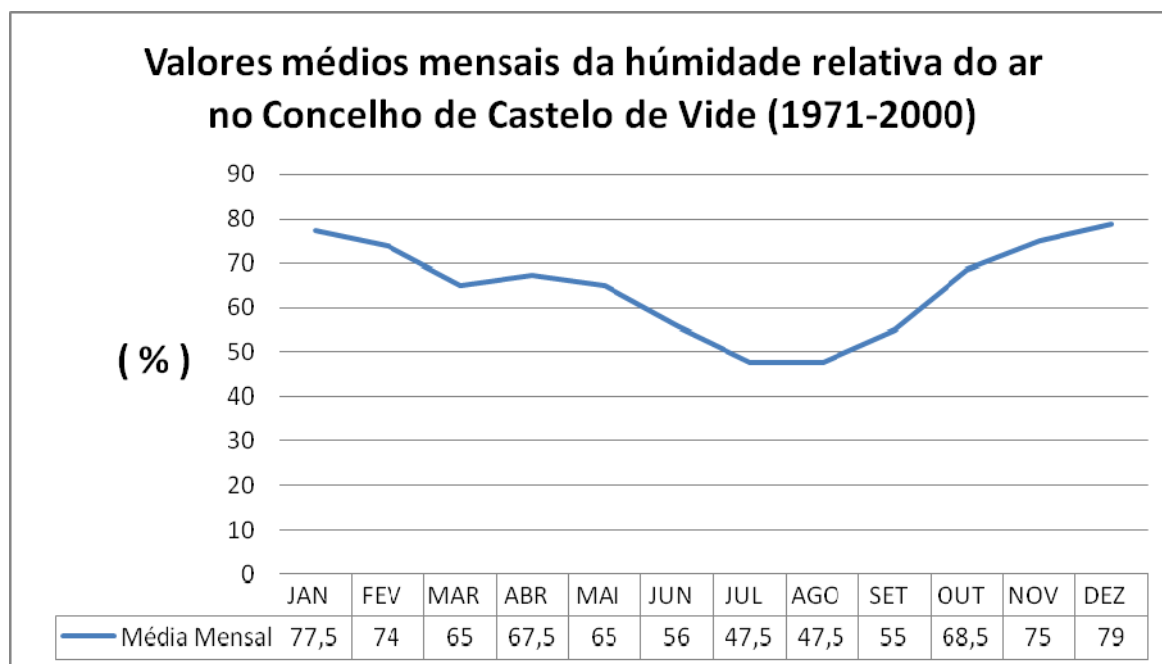


Gráfico 2. Valores mensais de humidade relativa no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Instituto de Meteorologia, 2012

2.3. PRECIPITAÇÃO

A quantidade de precipitação verificada num determinado local, é determinante no tipo e desenvolvimento da vegetação aí existente. O conhecimento da quantidade de precipitação verificada no concelho, bem como a sua dispersão ao longo do ano é uma ferramenta indispensável no planeamento DFCI, nomeadamente na inventariação da necessidade ou não de se recorrer a pontos de água artificiais por forma a fazer face às eventuais necessidades decorrentes de um incêndio.

No concelho de Castelo de Vide os valores da precipitação mensal variam entre os 7,5 mm registados no mês de julho e os 136 mm registados no mês de dezembro (**Gráfico 3**).

No período estival (junho a setembro) concentram-se os meses com menor valor de pluviosidade no concelho, estando estes associados aos valores mais elevados de temperatura do ar e consequentemente a valores de humidade relativa do ar inferiores, fatores que em conjunto tornam o concelho bastante suscetível à deflagração de incêndio e ao aumento da dificuldade de os controlar.

Valores mensais da precipitação e máximas diárias no Concelho de Castelo de Vide (1971-2000)

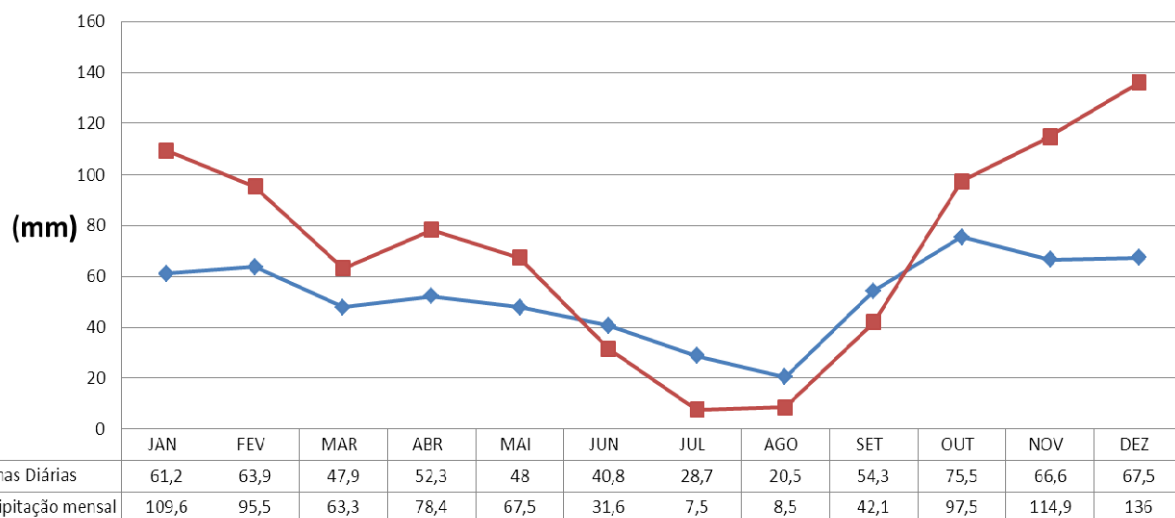


Gráfico 3. Valores mensais de precipitação no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Instituto de Meteorologia, 2012

Importa ainda analisar, a disponibilidade de água para abastecer os meios de combate tanto aéreos como terrestres, no concelho de Castelo de Vide o que se têm vindo a verificar é que, em anos hidrológicos, ditos normais, esse problema não se coloca, mas que em anos de seca (tal como o verificado, por exemplo, nos anos de 2005 e de 2012), a disponibilidade de água para esse fim diminui significativamente, pondo em causa o conveniente abastecimento dos meios de combate.

2.4. VENTO

O vento é um parâmetro muito inconstante e diretamente correlacionado com a evolução dos incêndios florestais merecendo-nos por isso algum destaque, muito embora os dados disponíveis não sejam os mais adequados para chegarmos a conclusões precisas, uma vez que se referem somente ao período compreendido entre o ano de 2002 e 2006 inclusive.

O vento consiste no movimento do ar e pode ocorrer em qualquer direção. O ar desloca-se dos locais de maior pressão para aqueles onde a pressão é menor. Por outro lado o ar quente sobe devido a ser menos denso e mais leve e o ar frio desce devido ao seu maior peso e densidade. Devido a estas circunstâncias existem vários tipos de ventos:

Ventos ligados à circulação atmosférica geral (planetários), que apresentam um rumo bem definido, aproximadamente constante, de intensidade moderada a forte, modificando a sua velocidade e rumo consoante a disposição do relevo. Em Portugal, sopram predominantemente do quadrante Oeste, efetuando uma longa trajetória sobre o Oceano Atlântico, o que dá origem a que sejam húmidos. Todavia, embora com menos frequência, podem soprar do quadrante Este, sendo neste caso, ventos continentais secos que dificultam as operações de combate a incêndios florestais.

Ventos Locais, que são originados pelas brisas de vale (diurnas) e de montanha (noturna) ou pela brisa marítima (diurna – Início da tarde) e brisa terrestre (noturna – Início da noite).

A conjugação entre estes dois tipos de ventos determina o sentido e a intensidade da propagação

No quadro seguinte (**Quadro 1**), é possível verificar a velocidade média e a frequência do vento, em cada uma das diferentes direções, para os vários meses do ano, ainda que somente para o período 2002 – 2006.

De acordo com o referido quadro, constata-se que a velocidade média do vento durante o período estival varia entre os 6,5 e os 14,7 Km/h, sendo que o vento proveniente das direções Sul, Este e Sudeste, aquelas em que este se apresenta mais seco e assim mais problemático ao nível DFCI, é menos comum nesta época do ano, mas que ainda assim representa cerca de 30% do total de dias de vento no concelho nesse período.

As características do vento no concelho de Castelo de Vide durante o período estival, em conjunto com as várias variáveis climáticas já analisadas, tornam-no, à imagem do verificado para as regiões do mediterrâneo, propício à deflagração de incêndios que em situações extremas, poderão adquirir condições de propagação que dificultam significativamente a ação dos meios de combate.



	N		NE		E		SE		S		SO		O		NO		C
	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F
JAN	11,5	7,9	12,7	9,1	29,4	12,6	10,4	9,5	5,1	12,2	5,6	12,5	15,5	10	9,7	9	15,2
FEV	10,9	5,2	13,5	9,2	28,6	12,4	8	10,3	4,8	12,5	7,9	12,9	17,1	13	9,1	9	11,9
MAR	9,9	5,1	15,2	10,3	27,7	15,7	6,3	12,7	5,9	14,9	9,7	13,3	17,9	12,5	7,4	10,1	9,5
ABR	8,5	8,1	12,9	8,4	20,7	14	8,5	11,4	6,1	15,8	9,4	14,2	25,5	13	8,4	10,6	7,7
MAI	10,4	11,1	14,3	8,5	15,7	12,1	12,1	9,2	3,5	9,3	6,9	11,6	25,9	14	11,2	11,3	7
JUN	10,5	6,5	13,3	9,4	15,2	12,3	13,8	10,5	4,2	11,5	8,7	13	24,3	14,1	9,9	11,6	6,2
JUL	10,2	6,6	11,2	8,6	11,5	10,5	16,2	10,3	3,3	11,8	8,6	12,7	28	14,7	10,2	12,2	5,3
AGO	10,5	7,4	18,6	10,1	14,2	12,5	12,4	10,3	3,1	11,6	7,5	13,7	22,8	14,1	10,9	11	5,3
SET	12,2	9,9	15,7	9,4	15,3	12,5	12,9	10	4,2	11,5	9	12,7	21,4	13,5	9,3	10	7,3
OUT	8,3	5	14,1	10,6	25,9	16,3	10,3	10,2	6	14,4	9	14,2	19,5	13,4	6,9	9	8,6
NOV	7,1	6,8	22,6	11,3	25,6	13,9	7,5	8,2	4,2	11,2	7,2	9,3	17,5	11,5	8,3	9	9,7
DEZ	8,8	5,7	15,5	12,8	30	15,4	10	11,9	4,4	13,6	6,9	12,9	17,1	13,5	7,3	11,4	10,2

F= frequência (%) V= velocidade do vento (Km/h) C= Calmia, velocidade não ultrapassa 1Km/h

Quadro 1. Médias mensais da frequência e velocidade do vento no Município de Castelo de Vide para o período de 2002 a 2006

Fonte: Instituto de Meteorologia

3. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1991/2001/2011 E DENSIDADE POPULACIONAL (2011))

À semelhança do que acontece um pouco por todo o distrito de Portalegre, o município de Castelo de Vide, tem vindo a sofrer um progressivo despovoamento humano, apresentando no período em estudo um crescimento negativo de (- 17,2%). Com base nos censos de 1991, 2001 e de 2011, do Instituto Nacional de Estatística (**Quadro n.º2**), podemos observar que na realidade o concelho assistiu a um decréscimo populacional significativo, tendo a população residente passado de 4115 no ano 1991 para 3872 em 2001 e finalmente para 3407 nos censos de 2011. A densidade populacional na totalidade do município é de 12,9 hab/Km² (INE, 2011)

Ao nível das freguesias, verificamos que a de Santa Maria da Devesa é de longe aquela que apresenta maior número de habitantes (1578), aproximadamente 46% da

totalidade da população, apresentando no entanto, também ela, no período em estudo uma variação negativa da população residente de cerca de 18%. As restantes freguesias do concelho apresentam valores de variação da população residente também eles negativos, sendo essa variação de cerca de 32% em Santiago Maior, 20% em Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas e de 8% em São João Baptista (**Mapa 6**).

FREGUESIAS	População Residente 1991	População Residente 2001	População Residente 2011	Variação da população (1991-2011)
N.S.G. Póvoa e Meadas	757	696	606	-151
S. Maria Devesa	1919	1716	1578	-341
Santiago Maior	524	426	358	-166
S. João Baptista	915	1034	865	-50
TOTAL	4115	3872	3407	-708

Quadro 2. População Residente no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Recenseamento Geral da População, INE, 2011

Relativamente à densidade populacional, verifica-se que a freguesia de Santa Maria de Devesa com 28 hab/Km² apresenta valores bastante superiores aos apresentados pelas restantes freguesias do concelho, as quais apresentam densidades populacionais de 11,4 hab/Km² em São João Baptista, 8,2 hab/km² em Póvoa e Meadas e de 6,1 hab/km² em Santiago Maior (**Quadro n.º 3 e Mapa 6**).

FREGUESIAS	População Residente 2011	Densidade Populacional (hab/km2)
N.S.G. Póvoa e Meadas	606	8,2
S. Maria Devesa	1578	28
Santiago Maior	358	6,1
S. João Baptista	865	11,4
TOTAL	3872	12,9

Quadro 3. Densidade Populacional no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Recenseamento Geral da População, INE, 2011

3.2. *ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E SUA EVOLUÇÃO (1991 - 2011)*

Segundo os dados fornecidos pelo INE (Censos de 1991, 2001 e 2011), constata-se que o município de Castelo de Vide tem vindo a assistir a um envelhecimento progressivo da população, tendo registado para 2011 um índice de envelhecimento de 328,2 seguindo a tendência do Alto Alentejo, cujo índice é de 215,5, valor bastante superior ao de Portugal Continental (127,8).

Ao nível das diferentes freguesias do concelho, constata-mos que a tendência verificada no concelho é seguida por todas elas, embora refletindo-se com diferentes graus de agressividade (**Mapa 7**). Assim temos que o processo de envelhecimento da população é mais significativo na freguesia de N. S. G. Póvoa e Meadas a qual apresentava em 2011, um índice de envelhecimento de 540,4, seguida da freguesia de Santiago Maior a qual em 2011 apresentava um valor de 384,4 (INE, 2001).

Este cenário pode vir a revelar-se problemático ao nível da DFCI, devido ao progressivo abandono das atividades agro-silvo-pastoris, promovendo um aumento do volume e continuidade dos combustíveis vegetais nesses locais. Em último caso ficará ainda diminuída a capacidade de deteção e primeira intervenção, nomeadamente aquela que era assegurada pelos utilizadores dos espaços rurais.

3.3. *POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE (2011)*

A análise do **Mapa 8** permite-nos identificar o setor terciário como aquele que emprega mais munícipes no concelho de Castelo de Vide, sendo que segundo os Censos de 2011, cerca de 76,7 da população ativa do concelho se encontrava ligada a este setor. Por sua vez, os setores primário e secundário empregam, respetivamente, 5,7% e 17,6% da população.

A nível do distrito de Portalegre, verifica-se a mesma tendência, sendo o setor terciário responsável por cerca de 72,5% da empregabilidade no distrito.

Nas diferentes freguesias do concelho verifica-mos que a imagem do que acontece no concelho, todas elas apresenta como principal empregador, de forma destacada, o setor terciário.

Relativamente às implicações DFCI, poderá dizer-se que a diminuição da presença humana nos espaços rurais é um fator negativo a considerar.

3.4. TAXA DE ANALFABETISMO (1991/2001/2011)

O concelho de Castelo de Vide, segundo os censos de 2011 (INE), possui uma taxa de analfabetismo de 13,1%, valor que têm vindo a diminuir significativamente, uma vez que em 1981 essa mesma taxa apresentava um valor de 40,2%. Trata-se de um valor na linha do apresentado pelo Alentejo e pelo Alto Alentejo (9,6 e 11,0% respetivamente), sendo no entanto bastante superior ao verificado para o país, onde a taxa de analfabetismo se situa nos 5,2%.

Ao nível das freguesias, verifica-se que todas elas têm vindo a diminuir a taxa de analfabetismo, situando-se essa diminuição em média em cerca de 10 pontos percentuais, com exceção da Freguesia de São João Baptista, onde essa diminuição se cifrou em cerca de 3 pontos percentuais (**Mapa 9**).

De entre as freguesias, aquela que apresenta uma taxa de analfabetismo mais elevada é a de Santiago Maior com 19,23%, seguida de N. S. G. de Póvoa e Meadas com 16,2%, S. João Baptista com 15,1 e finalmente S. Maria da Devesa que apresenta uma taxa de analfabetismo de 9,4%.

3.5. ROMARIAS E FESTAS

As festas e romarias são normalmente datas de grandes concentrações de pessoas. Para o presente plano interessa apenas identificar aquelas que pela sua localização, características, data de realização e concentração de pessoas, possam de alguma forma potenciar a ocorrência de incêndios num determinado local (**Quadro 4**).

No concelho de Castelo de Vide, de todas as festas e romarias aqui identificadas destacamos, como aquelas que se podem tornar mais preocupantes a nível de DFCI, o festival “ Andanças” e a Festa em honra da Nossa Sr.^a da Penha. No concelho não é habitual o lançamento de fogo-de-artifício ou outros artefactos pirotécnicos e como tal as festas que decorram no interior dos espaços urbanos, por si só, não se apresentam problemáticas a nível DFCI.



Mês	Dia Início/Duração	Freguesia	Lugar	Designação	Observações
março/abril	2.ª Feira de Páscoa/ - 1 Dia	Santiago Maior	Sr.ª da Luz	Festa da Sr.ª da Luz	
março/abril	2.ª Feira de Páscoa/ - 1 Dia	Santiago Maior/ S. João Baptista	Albufeira de Póvoa e Meadas	Romaria à Albufeira de Póvoa e Meadas	Uso de fogo para confeção de alimentos
junho	1º Fim-de-Semana/ 2 Dias	Santa Maria Devesa	Burgo Medieval	Festa Sr.ª da Alegria	Uso de fogo para confeção de alimentos
junho	12	Todas as Freguesias	Vários no espaço Urbano	Fogueiras de S. António	Uso do fogo para fins culturais
junho	22	Todas as Freguesias	Vários no espaço Urbano	Fogueiras de S. João	Uso do fogo para fins culturais
junho	28	Todas as Freguesias	Vários no espaço Urbano	Fogueiras de S. Pedro	Uso do fogo para fins culturais
agosto	Fim de Semana + próximo do dia 5/ 3 Dias	S. João Baptista	Serra de S. Paulo	Festa da Sr.ª da Penha	Uso de fogo para confeção de alimentos
agosto	Início de Agosto 7 dias	Santiago Maior/ S. João Baptista	Albufeira de Póvoa e Meadas	Festival " Andanças"	Grande aglomerado de pessoas em espaço rural
agosto	3º Fim-de-semana de Agosto/ - 3 Dias	N.S.G. Póvoa e Meadas	Póvoa e Meadas	Festas de Verão	Uso de fogo para confeção de alimentos
setembro	1º Fim-de-semana/ - 3 Dias	Santa Maria da Devesa	Castelo de Vide	Mercado Medieval	Grande aglomerado de pessoas em espaço urbano
setembro	2º Fim-de-semana/ - 3 Dias	N.S.G. Póvoa e Meadas	Póvoa e Medas	Festa da S. Margarida	Uso de fogo para confeção de alimentos

Quadro 4. Romarias e Festas no Concelho de Castelo de Vide

Fonte: Município de Castelo de Vide, 2014

4. CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

Na análise do uso e ocupação do solo no concelho de Castelo de Vide foi utilizada a informação presente no COS90, disponibilizada no Site do Instituto Geográfico Português, corrigida sobre ortofotomapa obtido em voo realizado no ano de 2004. Acrescenta-mos um novo nível de classificação dos espaços, por forma a incluirmos a totalidade dos polígonos numa das classes definidas no Guia Técnico disponibilizado pela ICNF.

4.1. OCUPAÇÃO DO SOLO

O concelho de Castelo de Vide apresenta uma ocupação do solo (**Mapa 10**) que se divide essencialmente em espaços florestais e agrícolas, os quais ocupam respetivamente 45,4% e 35% da totalidade da área do concelho. A restante área

distribui-se por incultos (11,2%), improdutivos (7,2%), superfícies aquáticas (0,7%) e áreas sociais (0,5%).

No quadro seguinte (**Quadro n.º 5**), podemos observar os dados relativos ao uso e ocupação do solo no município de Castelo de Vide, por freguesia. Como seria de esperar, são as áreas referentes a terrenos agrícolas e florestais que dominam nas diferentes freguesias, sendo que em Póvoa e Meadas há a particularidade da área correspondente aos incultos ser também ela bastante significativa, estando presente em cerca de 23% da sua área.

FREGUESIAS	USO E OCUPAÇÃO DO SOLO (ha)					
	Floresta	Agricultura	Improdutivos	Incultos	Áreas Sociais	Superfícies Aquáticas
N.S.G.. Póvoa e Meadas	3868	1614	48,2	1703,6	40,7	65,5
S. Maria Devesa	2048,9	2225,7	841,2	461,1	28,47	2,1
S. João Baptista	3753,8	3271,7	340,6	255,3	34,8	64,7
Santiago Maior	2385	2195,6	693,4	557,9	42,4	68,2
TOTAL	12055,7	9307	1923,4	2977,9	146,37	200,5

Quadro 5. Uso e Ocupação do Solo no concelho de Castelo de Vide

Fonte: Município de Castelo de Vide, 2012

O mosaico resultante deste intercâmbio entre espaços florestais e espaços agrícolas apresenta-se favorável no âmbito da DFCI, uma vez que resulta numa compartimentação dos espaços rurais e como tal numa descontinuidade dos combustíveis aí existentes, ainda que o progressivo abandono desses mesmo terrenos agrícolas esteja a diluir de forma significativa esse efeito mosaico.

4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS

Quanto à representatividade das diferentes espécies florestais existentes no concelho (**Mapa 11**), podemos afirmar que as espécies predominantes são o Carvalho Negral (31,5%), o Sobreiro (25,8%) e a Azinheira (22%). Além das espécies mencionadas existem outras formações florestais em menor proporção, nomeadamente Eucaliptos (12,7%), Floresta Mista, principalmente associação de Quercineas (4,7%), Pinheiro Bravo (2,5%), Castanheiro Manso (0,7%) e Pinheiro Manso (0,1%).

No quadro seguinte (**Quadro n.º 6**), podemos observar os valores de ocupação florestal das diferentes espécies florestais por freguesia (ha).

FREGUESIAS	POVOAMENTOS FLORESTAIS (ha)							
	Azinheira	Carvalho	Castanheiro Manso	Eucalipto	Floresta. Mista	P. Bravo	P. Manso	Sobreiro
N.S.G.. Póvoa e Meadas	1177,6	303,2	0	866,3	34,8	23,8	0	1463,3
S. Maria Devesa	511,8	932,9	70,2	15	225,5	188,8	0	104,8
S. João Baptista	876,3	1000,3	15,9	484,8	212,7	83,7	0	1048,4
Santiago Maior	74,8	1548,6	2,2	160,6	84,9	1,5	3,8	484,7
TOTAL	2640,5	3785	88,3	1526,7	557,9	297,8	3,8	3101,2

Quadro 6. Distribuição das Espécies Florestais no concelho de Castelo de Vide (ha)

Fonte: Município de Castelo de Vide, 2014

Da análise da ocupação florestal ao nível das freguesias do concelho podemos destacar o facto de que todas elas apresentam como ocupação florestal dominante uma das várias espécies de quercíneas existentes no concelho, nomeadamente, sobreiros, azinheiras ou carvalhos.

Na Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas as espécies mais representadas são o sobreiro (37,8%) e a azinheira (30,4%), em São João Baptista predominam as áreas ocupadas por sobreiros (28,2%) e carvalhos (26,9%), já nas freguesias de Santiago Maior e de Santa Maria da Devesa a espécie dominante é o carvalho (65,6 e 45,5%, respetivamente), seguido em Santiago Maior pelas áreas de sobreiro (20,5%) e em Santa Maria da Devesa pelas áreas de Azinhal (25,0%).

De destacar ainda, pela sua singularidade, a existência de uma vasta área de eucaliptal na freguesia de Póvoa e Meadas, mais concretamente no extremo Norte do concelho, a qual representa 22,4% da ocupação florestal daquela freguesia.

Uma vez que a esmagadora maioria da área florestal do concelho é ocupada por quercíneas, espécies que pelas suas características edafoclimáticas, são em princípio mais resistentes à propagação de incêndio, as preocupações ao nível da DFCI não serão extremas, no entanto será necessário garantir uma gestão adequada dos montados, nomeadamente através do controlo do combustível arbustivo e herbáceo que por norma se forma no seu sobcoberto para assim garantirmos a existência de descontinuidade tanto vertical como horizontal desses mesmos combustíveis.

4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE/ZEC) E REGIME FLORESTAL

O Município de Castelo de Vide possui cerca de 93,4% (24825,72 hectares) do total do seu território, pertencente ao Sítio de Interesse Comunitário (SIC) de São Mamede, no qual terão de ser cumpridas um conjunto de regras e indicações presentes no plano setorial da Rede Natura 2000 e 62,4% (16.530,12 hectares) classificado como Área Protegida, incluída no Parque Natural da Serra de São Mamede (**Mapa 12**).

Na área do Concelho de Castelo de Vide não existem zonas inseridas em Regime Florestal.

Os esforços ao nível da DFCI deverão ser obrigatoriamente coordenados com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, por forma a salvaguardar os interesses de conservação associados a estes espaços.

4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL

No que se refere a instrumentos de planeamento florestal que estejam implementados no concelho de Castelo de Vide, após consulta do sítio do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas na internet, datada de 18 de Setembro de 2014, podemos concluir que no município de Castelo de Vide não existe área inserida em Zonas de Intervenção Florestal (ZIF).

Relativamente a áreas com Planos de Gestão Florestal (PGF) aprovados, segundo informação prestada pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, existem cerca de 401 ha no concelho de Castelo de Vide que se encontram a ser geridos sob essa figura de ordenamento florestal (**Mapa 13**).

A área em causa pertence a quatro explorações distintas, propriedades que se encontram dispersas pelo concelho, não formando dessa forma uma continuidade significativa de área gerida sob essa figura de ordenamento.

4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E PESCA

Segundo os dados disponibilizados pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), no município de Castelo de Vide cerca de 87% da área do concelho, encontra-se inserida em zonas de caças, sendo que dessa área 63% está

incluída em zona de caça associativa, 31% em zona de caça turística e 6% em zona de caça municipal.

Existe ainda no concelho, uma concessão de pesca desportiva, gerida pelo município, localizada na Albufeira de Póvoa e Meadas.

Relativamente aos equipamentos florestais de recreio, podemos identificar três parques de merendas, um miradouro, um parque de campismo e um parque de caravanismo.

Em termos de implicações DFCI, podemos considerar, que nas áreas inseridas em zonas de caça e de pesca, teoricamente, a vigilância desses espaços será mais apertada e como tal poderá ser uma mais valia para o dispositivo.

Já os equipamentos florestais de recreio, se por lado implicam a presença de pessoas nos espaços florestais e como tal um potencial aumento dos níveis de vigilância no local, por outro a presença dessas mesmas pessoas nos espaços rurais potencia a ocorrência de comportamentos de risco e em ultimo caso incêndios e como tal deverão ser locais onde os níveis de vigilância nos períodos críticos não devem ser descuidados.

5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

Os incêndios florestais são fenómenos transversais do ponto de vista do impacto no território, não distinguindo áreas públicas de privadas, limites de propriedade ou região administrativa. O fator comum às áreas atingidas por um incêndio é a semelhança da gestão, ou ausência da mesma, e consequentemente dos índices de biomassa e de risco de incêndio.

As condições meteorológicas desempenham um papel fundamental na ignição e propagação de um incêndio florestal. Em Portugal onde se verifica a coincidência da época mais seca do ano com a época mais quente, conjugam-se condições propícias à ignição e propagação dos incêndios, os quais são, na grande maioria, de origem antrópica intencional ou por negligência.

Entre as consequências mais evidentes de um fogo florestal, salientam-se a perda total ou parcial da cobertura vegetal e dos bens que se encontram na área fustigada pelo incêndio. No entanto, devem ser igualmente contabilizadas a erosão provocada no solo, as alterações do ciclo hidrológico e as consequências ao nível da biodiversidade local.

5.1. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO ANUAL

Os dados estatísticos utilizados até ao ano de 2005 são os disponibilizados pelo ICNF, conforme indicação presente no Guia Técnico de apoio á elaboração do presente plano. No entanto é de salientar que apesar de serem dados oficiais, estes não traduzem na totalidade os incêndios ocorridos no concelho, devido a diversas deficiências, tais como a classificação errada dos incêndios ou o levantamento de áreas de forma rudimentar, entre outras.

Após o ano de 2005, com a entrada em funcionamento do Gabinete Técnico Florestal, o qual elabora um relatório de todos os incêndios ocorridos no concelho, bem como o levantamento de todas as áreas ardidas daí resultantes, dados estes que são posteriormente utilizados pelo ICNF na elaboração dos seus próprios dados, utilizámos os dados produzidos pelo Gabinete Técnico Florestal Municipal.

Nos anos em que foram utilizados os dados do ICNF (2003-2005), e de acordo com o sugerido no referido guia técnico, foram corrigidos os dados que apresentavam um desfasamento evidente em relação aos dados verificados na realidade, nomeadamente quando a razão desse desfasamento era perfeitamente identificável.

No gráfico seguinte, podemos observar a área ardida e o número de incêndios ocorridos no último decénio (2004-2013) no concelho de Castelo de Vide. Da sua análise podemos destacar o ano de 2005 como aquele que se apresentou mais problemático para o concelho, atingindo a área ardida valores elevados, ainda que aceitáveis (481 ha). Nos restantes anos analisados podemos afirmar que a área ardida no concelho apresentou valores bastante diminutos, situando-se bem abaixo da média nacional (**Gráfico nº 4 e Mapa n.º 15**).

O **Gráfico n.º 5**, expressa a área ardida e o número de ocorrências por freguesia, durante o último ano e em comparação com o último quinquénio. Verifica-se que no período de 5 anos anterior a 2013, a freguesia que apresenta o valor médio mais elevado de área ardida é a de São João Baptista com 0,86 ha, sendo que aquela que apresenta um número médio de ocorrências superior é a freguesia de Santa Maria da Devesa, com 2,8 ocorrências/ano.

No ano de 2013 podemos observar que os valores de área ardida e o número de ocorrências são bastante diminutos em todas as freguesias, tendo mesmo em duas delas, Santiago Maior e Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, não se verificado qualquer ocorrência e como tal não houve área ardida a lamentar

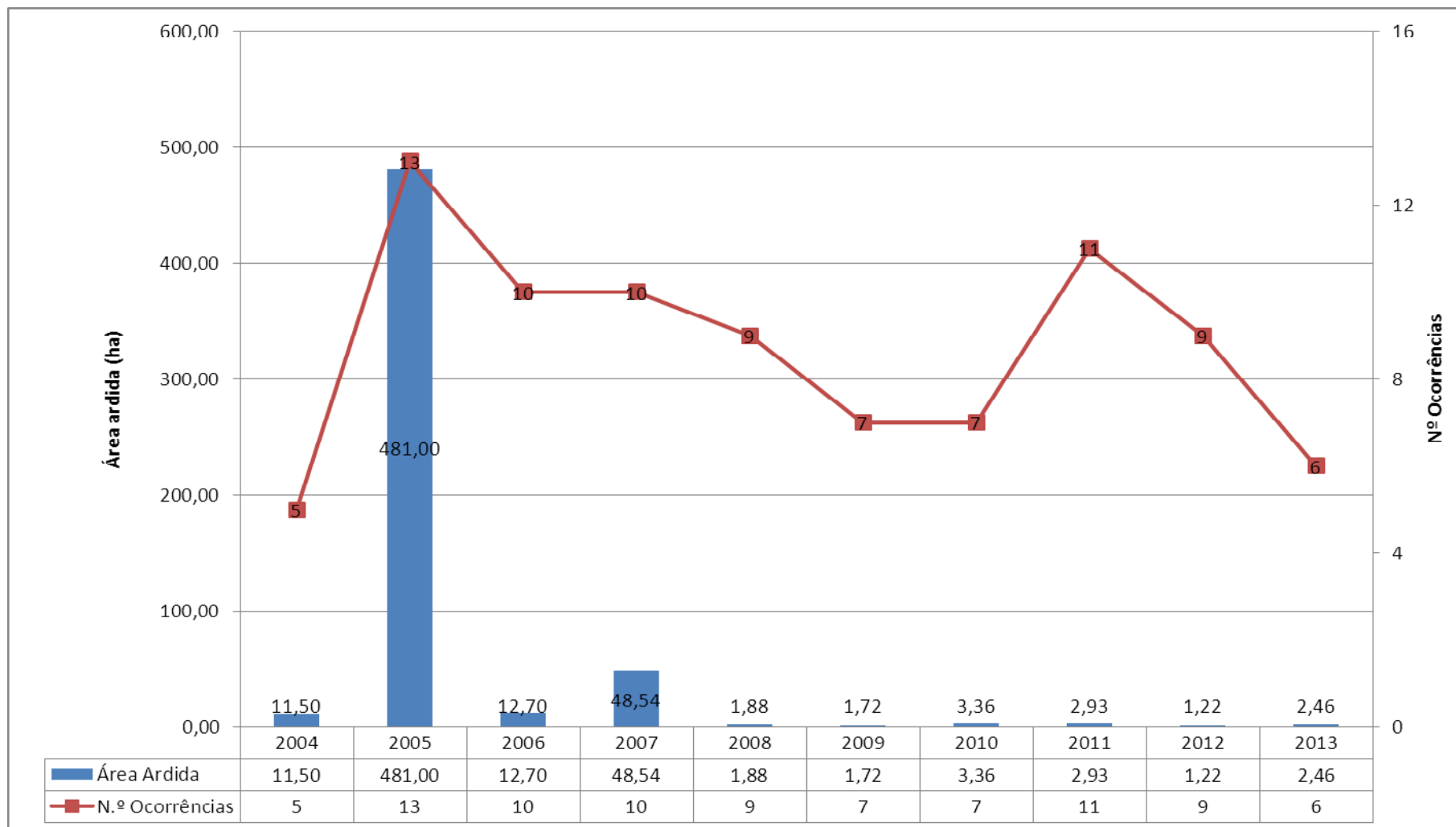


Gráfico 4. Distribuição anual da área ardida e do n.º de ocorrências (2004 – 2013)
Fonte: ICNF, 2014, Município de Castelo de Vide, 2014

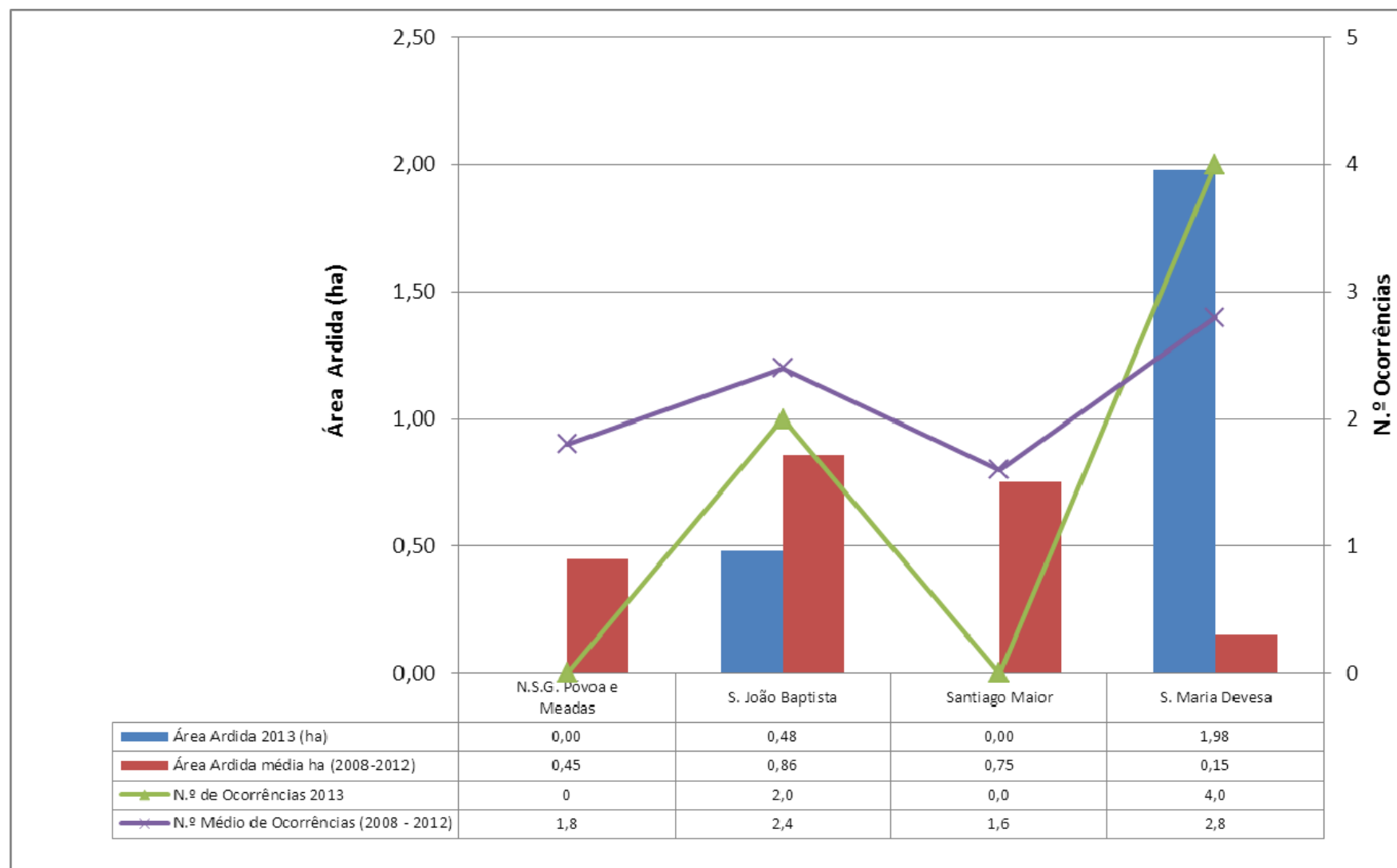


Gráfico 5. Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2008 – 2012, por Freguesia

Fonte: ICNF,2014; Município de Castelo de Vide,2014

No caso do **Gráfico n.º 6**, é abordada a área ardida por Freguesia por cada 100 ha de área florestal.

No que se refere ao ano de 2013, Santa Maria da Devesa é aquela que apresenta valores mais elevados de área ardida e de número de ocorrências por cada 100 hectares de área florestal. No entanto podemos afirmar que os valores apresentados em todos os itens, são valores bastante abaixo da média Nacional, os quais devemos procurar manter.

Já no que se refere aos valores médios do último quinquénio, observamos que os valores apresentados são também eles bastante diminutos, sendo que é na freguesia de Santiago Maior que são apresentados os valores mais elevados.

Da análise conjunta dos gráficos n.º 4, 5 e 6, verificamos que no último decénio o concelho de Castelo de Vide não tem sido assolado por números elevados de ocorrências e que os valores de área ardida são também eles diminutos, quando comparados com a realidade de nível distrital e nacional. Poderemos mesmo afirmar que após a catástrofe de 2003, na qual o concelho de Castelo de Vide, á imagem de todo o distrito, foi bastante fustigado pelos incêndios florestais, foi despoletado um aumento dos esforços de todas as entidades com responsabilidade na matéria, ao nível do planeamento DFCI, da gestão florestal, da importância que se dá à sensibilização dos utilizadores dos espaços rurais, do aumento do dispositivo de combate a incêndios e os seus níveis de coordenação, o que têm permitido, de uma maneira geral, alcançar resultados bastante satisfatórios ao nível do número de incêndios que deflagram no concelho como dos valores de área ardida que daí resultam.

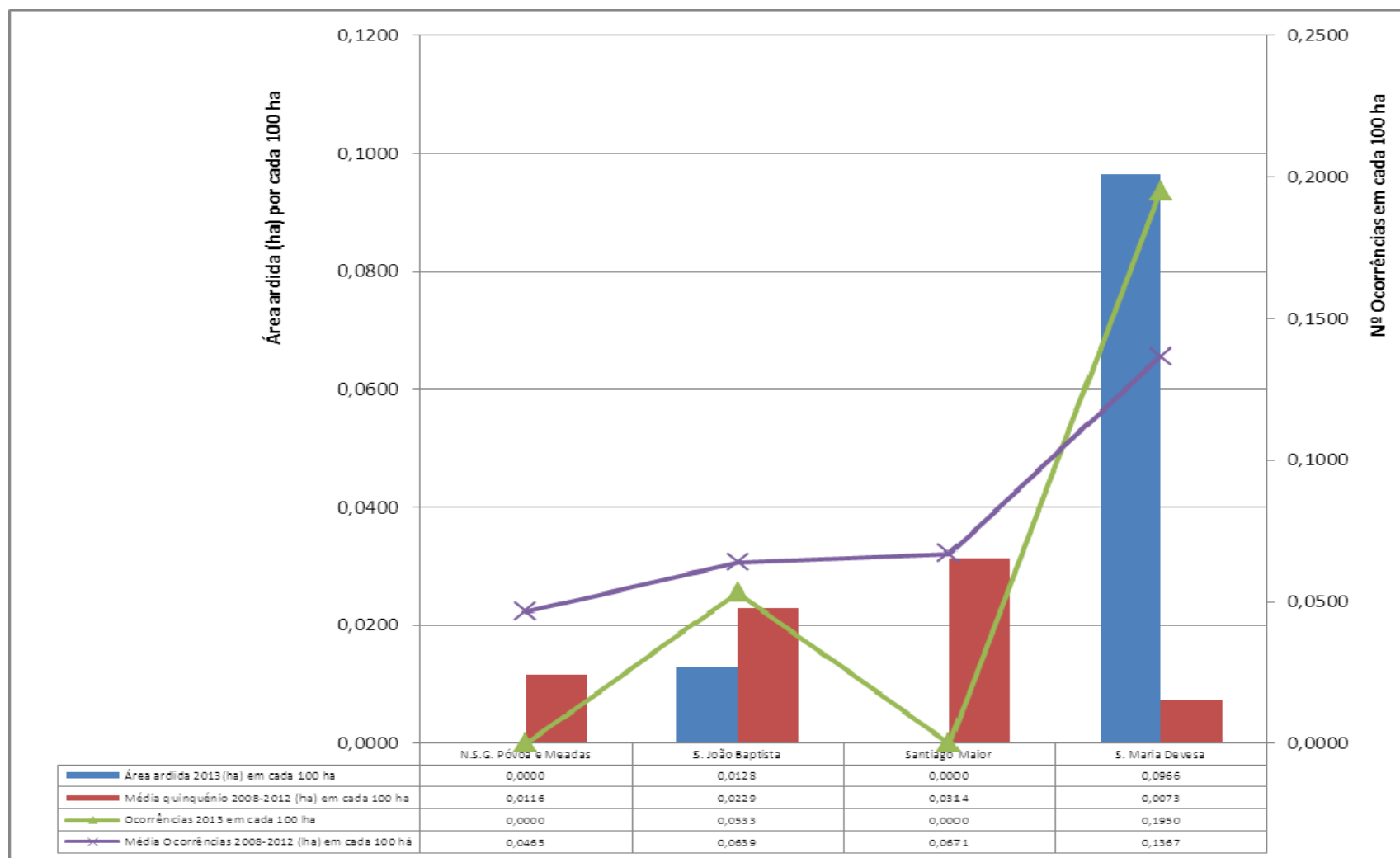


Gráfico 6. Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média no quinquénio 2008 – 2012 por espaços florestais em cada 100 ha, por Freguesia

Fonte: ICNF, 2014; Município de Castelo de Vide, 2014

5.2. *ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO MENSAL*

A distribuição mensal da área ardida e do número de ocorrências permite identificar quais os meses mais críticos e logo mais suscetíveis á ocorrência desse fenómeno natural. Dessa forma, torna-se mais fácil planear atempadamente os meses do ano em que a vigilância e a prevenção devem atuar mais intensamente.

Para proceder à análise da distribuição mensal da área ardida e do número de ocorrências de 2013 e sua comparação com os valores médios do período compreendido entre os anos de 2003 e 2012 foi elaborado o gráfico seguinte (**Gráfico n.º 7**).

Com base no referido gráfico, verifica-se que no período 2003-2012 o mês de Julho é de longe aquele em que o valor médio da área ardida é superior (910,50 ha) e é também quando a média do número de ocorrências é superior, resultado dos grandes incêndios verificados no ano de 2003

No ano de 2013, o mês em que ardeu mais foi em Agosto, sendo que o número de ocorrências por mês foi idêntico (1) entre os meses de Maio e Outubro.

Verifica-se então que é no período Junho-Setembro que os valores médios de área ardida e de ocorrências são superiores, fruto das condições climáticas a que o concelho está sujeito nesta época do ano.

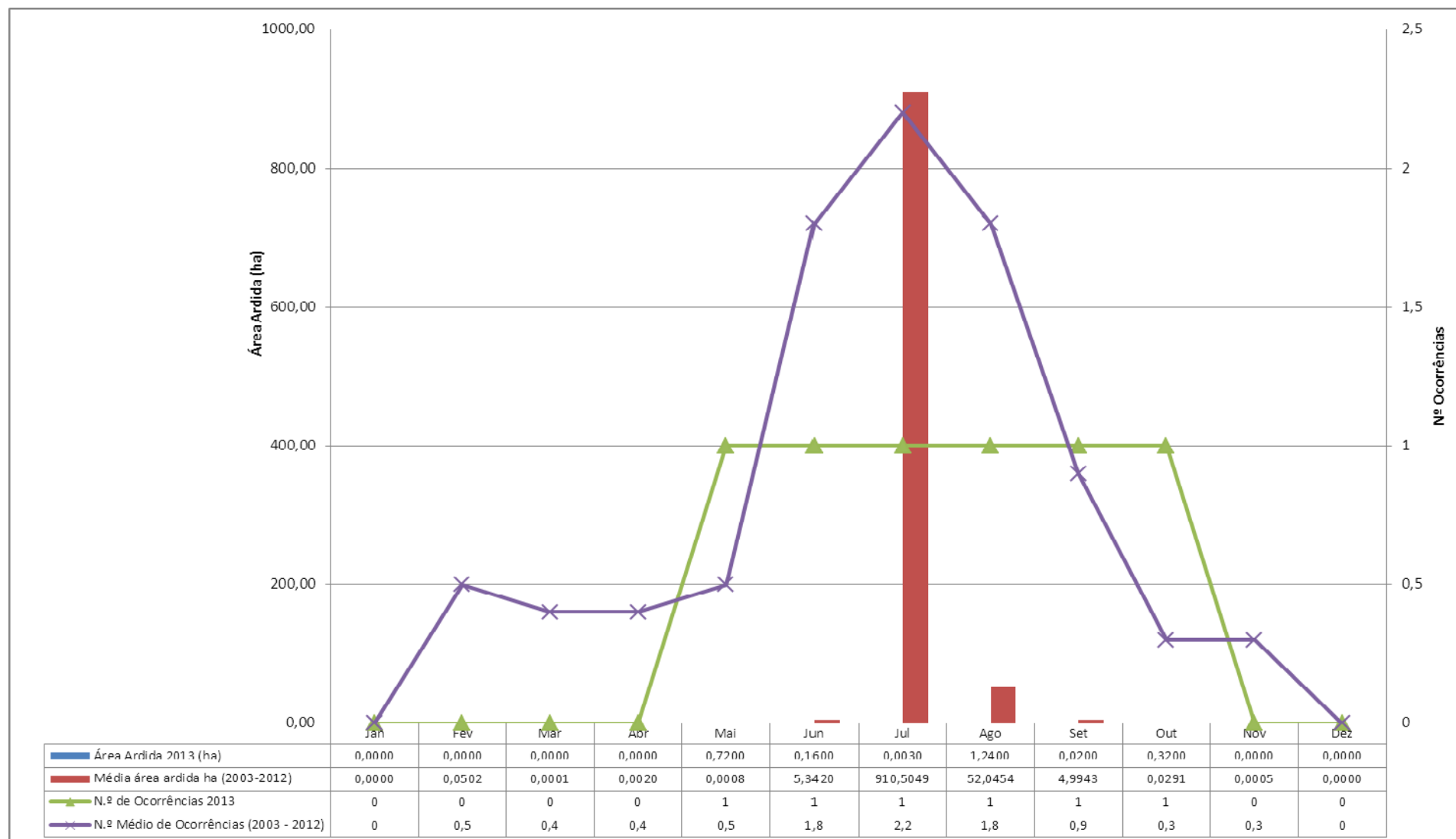


Gráfico 7. Distribuição mensal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média do período 2003 – 2012

Fonte: ICNF, 2014; Município de Castelo de Vide, 2014

5.3. *ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL*

Neste capítulo é possível identificar quais os dias da semana mais críticos e suscetíveis à ocorrência de incêndios, tentando estabelecer relações que elevem o estado de alerta e prontidão das equipes de vigilância, primeira intervenção e combate aos incêndios rurais.

A análise do **Gráfico 8** permite-nos constatar que durante o período 2003-2012 o dia da semana em que a média do valor da área ardida é superior é a quinta-feira com 897,91 ha, seguida do domingo com 51,58 ha. Já no que diz respeito ao número médio de ocorrências por dia da semana durante o mesmo período, verificamos que o valor varia entre 1,1 ocorrências nas quartas-feiras e média de 1,8 nas sextas-feiras.

No ano de 2013 o dia da semana em que o somatório das áreas ardidas foi mais elevado, foi o domingo com 1,26 ha e relativamente ao número de ocorrências, verificaram-se duas ocorrências em quinta-feira e outras tantas em domingo.

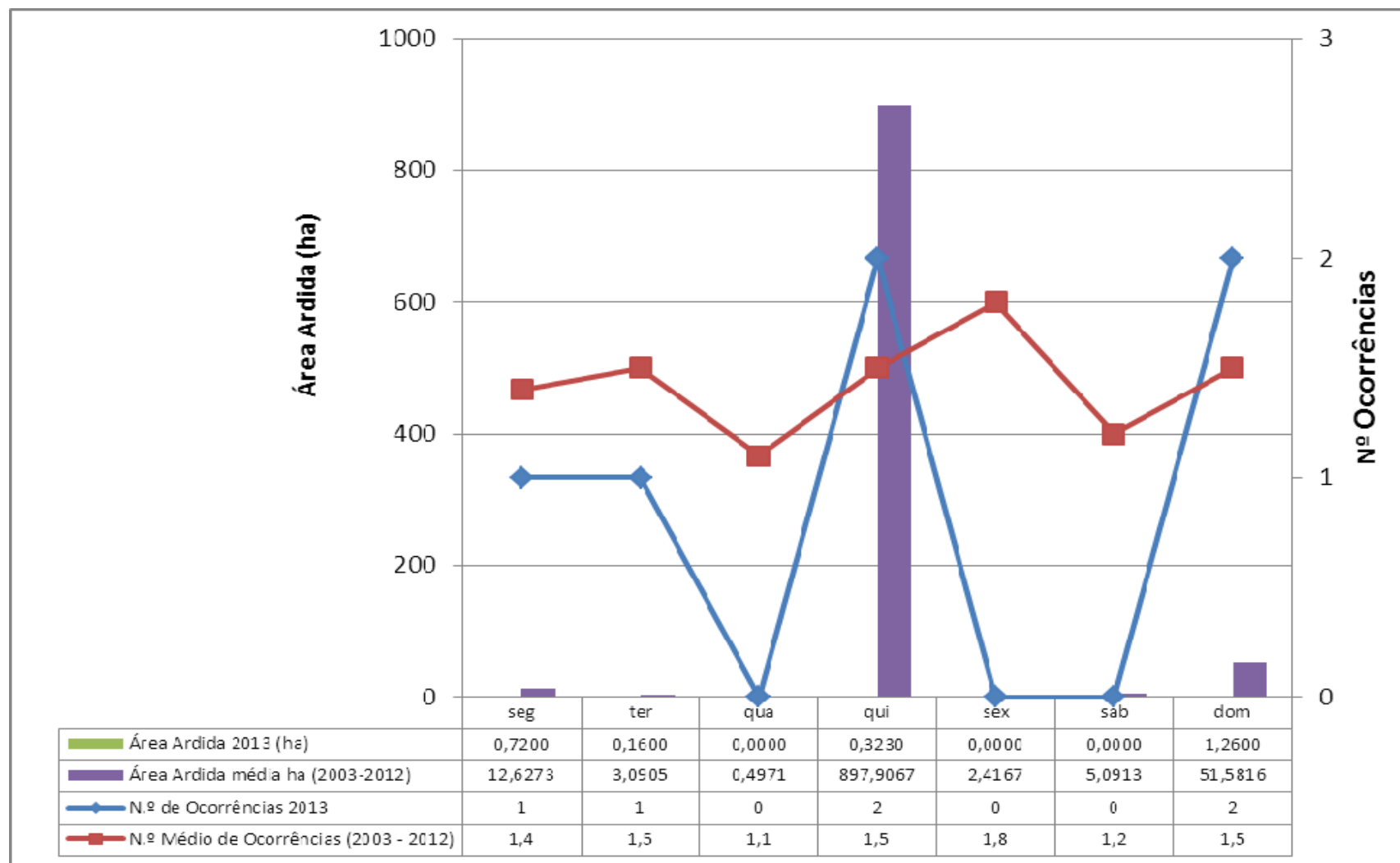


Gráfico 8. Distribuição semanal da área ardida e do n.º de ocorrências em 2013, e média do período 2003 – 2012

Fonte: ICNF, 2014; Município de Castelo de Vide, 2014

5.4. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

Com a elaboração do gráfico seguinte (**Gráfico n.º 9**) pretende-se avaliar a existência ou não de dias no ano em que os valores de área ardida e principalmente o número de ocorrências é significativamente superior aos restantes.

A análise do referido gráfico permite-nos identificar um dia crítico ao nível dos valores de área ardida, o qual é responsável por 89,4% do total da área ardida no período em estudo. Com efeito o dia 31 de julho, data em que deflagrou o grande incêndio de 2003, destaca-se grandemente dos restantes dias do ano em termos de área ardida.

Relativamente ao número de ocorrências, os valores variam entre zero e três ocorrências por dia, o que nos permite afirmar que no concelho de Castelo de Vide não há dia nenhum que se distinga significativamente dos restantes.

Podemos ainda constatar que a maioria da área ardida se concentra no período tradicionalmente considerado como aquele que apresenta maior risco de incêndio em Portugal (junho a setembro).

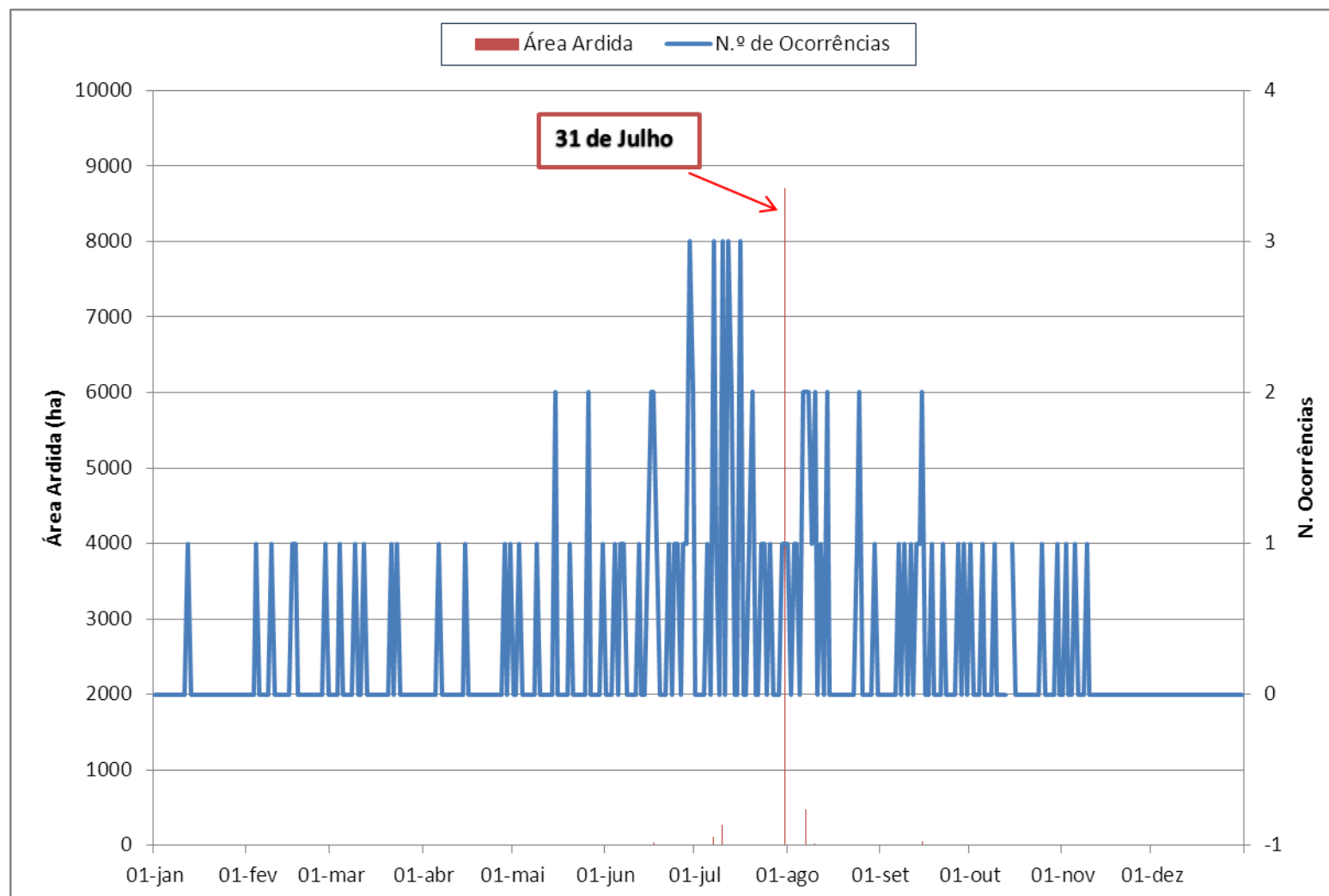


Gráfico 9. Distribuição dos valores diários acumulados da área ardida e do número de ocorrências (2003 – 2013)
Fonte: ICNF, 2014; Município de Castelo de Vide, 2014

5.5. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

A análise da distribuição horária da área ardida e principalmente do número de ocorrência pode ser utilizado como um forte indicador no apoio ao planeamento das ações de vigilância.

Com base no **Gráfico 10**, podemos verificar que no período em que a Equipa de Sapadores Florestais do município tem vindo a laborar durante o período crítico (13.00h – 20.00h), está bem adaptado á realidade do concelho, uma vez que é precisamente nesse período que se concentram 59,3% das ocorrências e 97,0% do total de área ardida verificada no concelho durante o período em estudo.

Verificamos ainda que a hora do dia onde se verificou o maior número de ocorrências e de área ardida foi no período 14h00-14h59, o qual apresenta de acumulado onze ocorrências e cerca de 9181 ha de área ardida. De salientar que também aqui a elevada concentração de área ardida resulta essencialmente de uma única ocorrência.

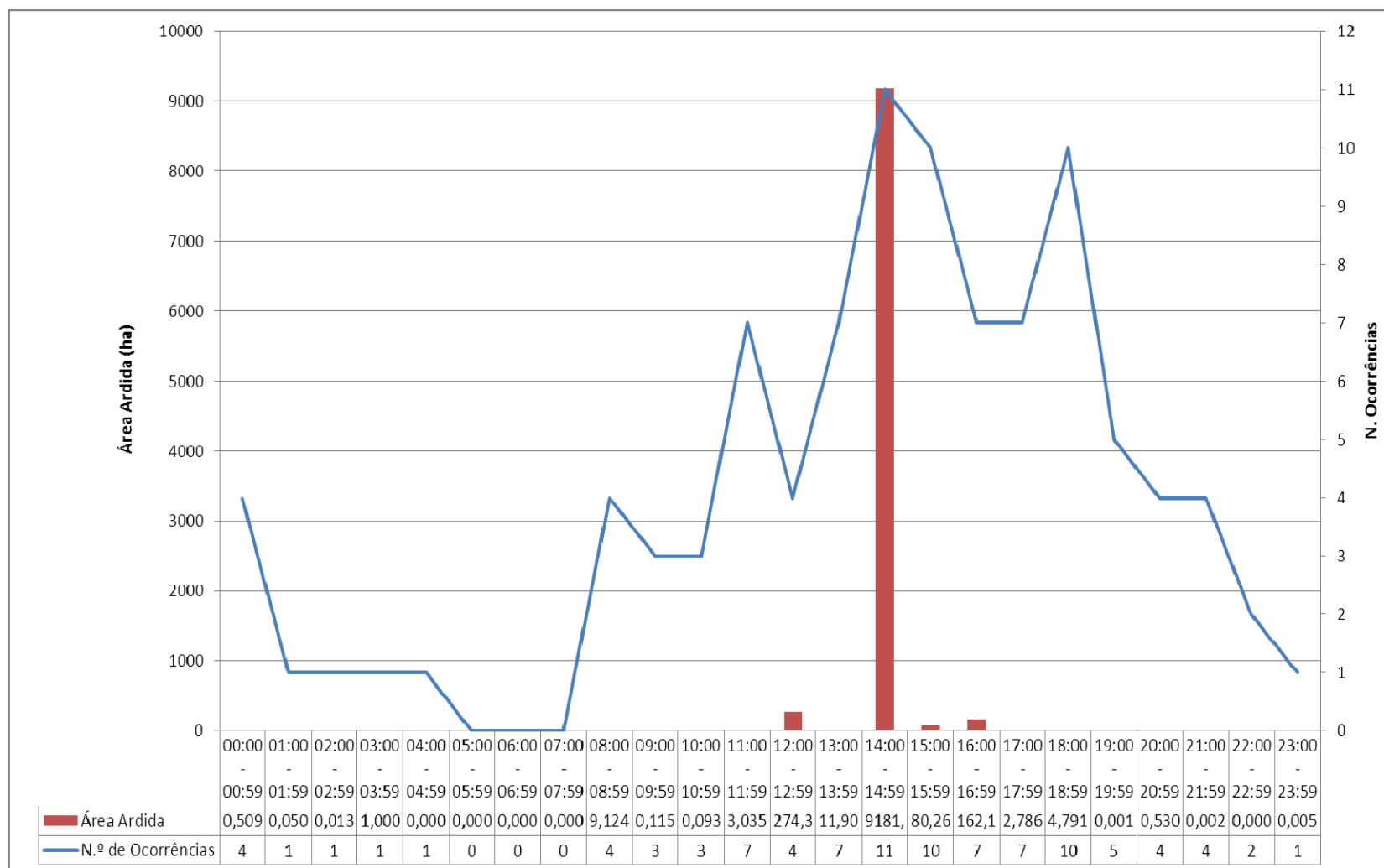


Gráfico 10. Distribuição horária da área ardida e do número de ocorrências (2003 – 2013)

Fonte: ICNF,2014; Município de Castelo de Vide,2014

5.6. *ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS*

No período compreendido entre os anos de 2009 e 2013 a área ardida no concelho apresenta, em todas as tipologias de classificação de incêndios, valores baixos.

Nos espaços florestais (**Gráfico 11**) durante o período em causa ardeu um total de 5,88 ha, sendo que 93,9% desse valor corresponde a áreas de matos e somente 6,1% da área florestal ardida consiste em área de povoamentos florestais.

Tal situação, representa de forma bastante coerente a realidade do concelho de Castelo de Vide, uma vez que as áreas de povoamentos florestais de espécies mais suscetíveis ao fogo (Pinhal e Eucaliptal) não são muito abundantes no concelho. Por outro lado, infelizmente, as áreas de matos têm vindo a aumentar em virtude do progressivo envelhecimento da população rural com o consequente abandono dos espaços rurais, espaços esses que passaram de área com aproveitamento agro-pecuário para zonas abandonadas que evoluíram para matos mais ou menos densos.

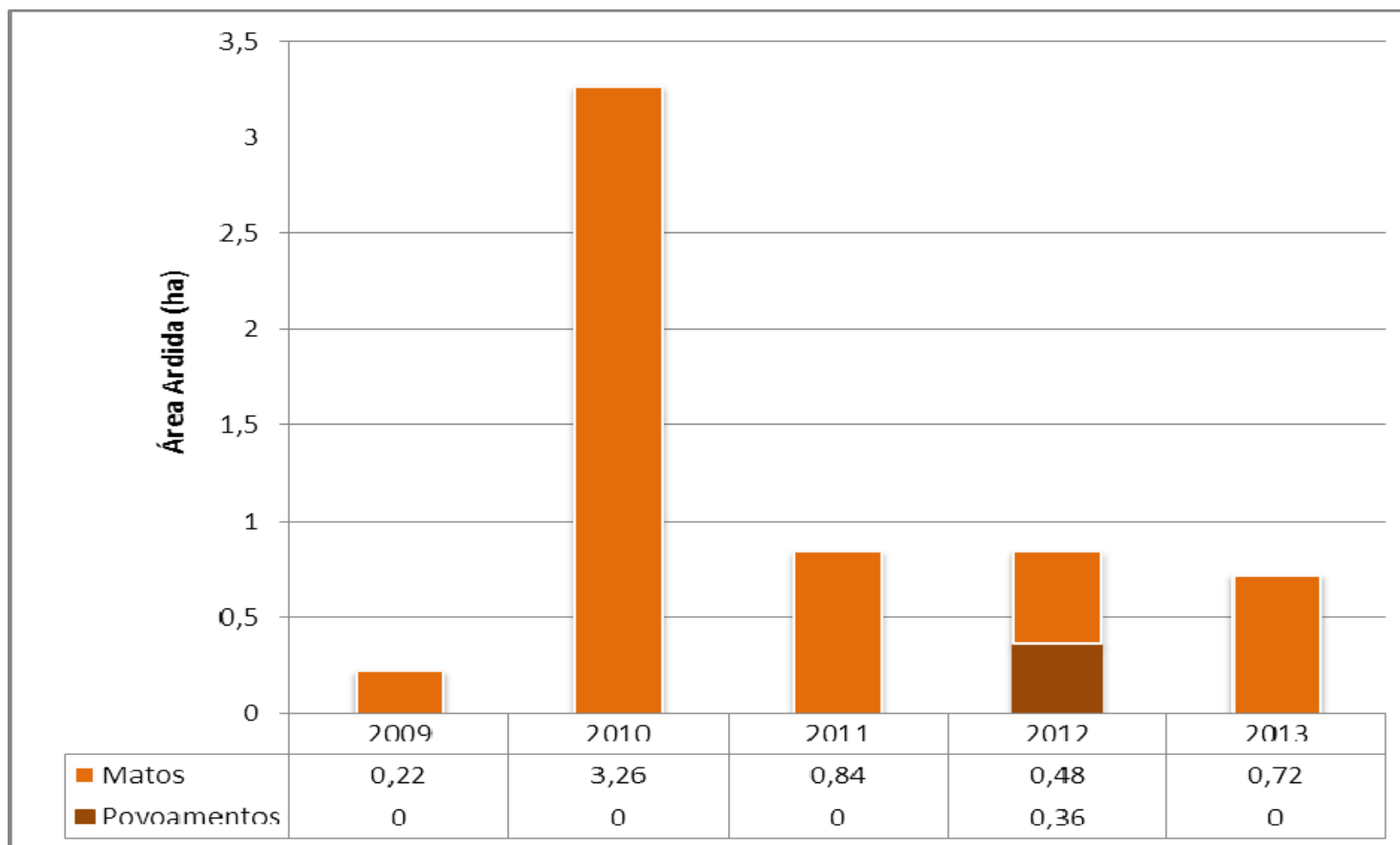


Gráfico 11. Distribuição da área ardida em espaços florestais (2009-2013)

Fonte: Autoridade Florestal Nacional, 2014

5.7. ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO

O **gráfico nº 12** relaciona a área ardida com o número de ocorrências por classe de extensão, no período compreendido entre 2009 e 2013.

Da sua análise realça-se o facto de neste período de tempo o concelho de Castelo de Vide não apresentar qualquer ocorrência com área ardida superior a 10 hectares.

Do total de 40 ocorrências verificadas no concelho de Castelo de Vide, no período em causa, 36 (90%) apresentam área ardida inferior a 1 ha e as restantes 4 (10%), apresentam valores entre 1 e 10 hectares.

Perante os dados apresentados podemos afirmar que a deteção, alerta e a primeira intervenção no concelho de Castelo de Vide, tem vindo a ser assegurada de forma célere e organizada, o que tem resultado em valores de área ardida por ocorrência bastante aceitáveis.

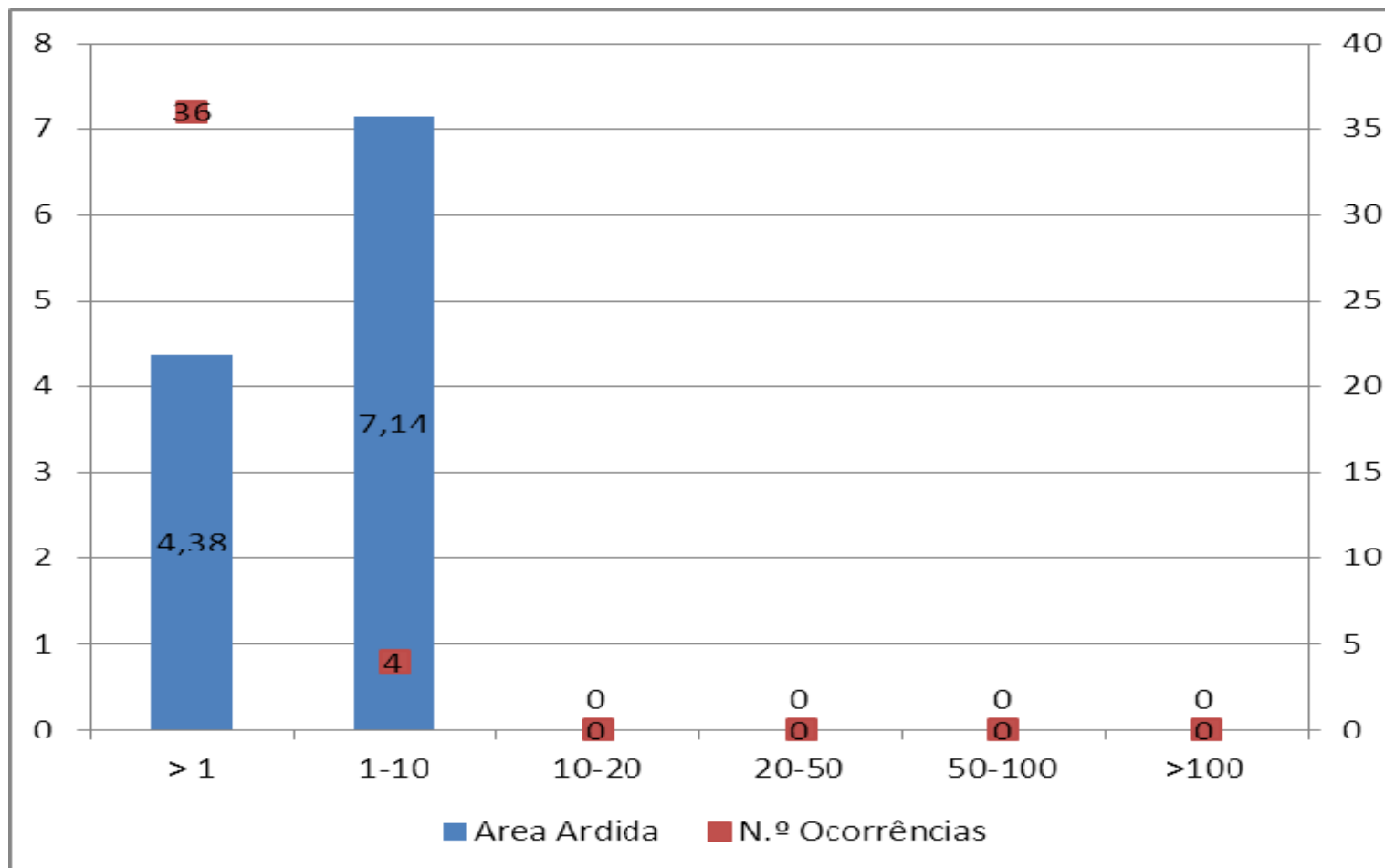


Gráfico 12. Distribuição da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão (2009 – 2013)

Fonte: Autoridade Florestal Nacional, 2014

5.8. PONTOS PROVÁVEIS DE INÍCIO E CAUSA

A Análise do **Mapa 16**, referente aos pontos prováveis de início de incêndios e suas causas no período compreendido entre o ano de 2009 e 2013 inclusive, permite-nos afirmar que das 40 ocorrências verificadas nesse período a Freguesia de Santa Maria da Devesa foi aquela que concentrou maior número de ocorrências (17), nas restantes freguesias registaram-se 9 em Santiago Maior, 8 em São João Baptista enquanto que em Póvoa e Meadas se verificaram 6 ocorrências.

Relativamente às causas dos incêndios, podemos afirmar que 45% das mesmas tiveram origem em actos negligente, 10% em causas naturais e 8% em atos intencionais. No entanto 37% dos incêndios verificados no concelho durante o período em causa apresentam causa indeterminada (**Quadro 7**).

FREGUESIA	CAUSAS PROVÁVEIS	Nº INCÊNDIOS	TOTAL DE INCÊNDIOS
Santa Maria Devesa	Indeterminada	9	17
	Negligente	6	
	Natural	0	
	Intencional	2	
S. João Baptista	Indeterminada	2	8
	Negligente	3	
	Natural	3	
	Intencional	0	
Santiago Maior	Indeterminada	3	9
	Negligente	5	
	Natural	1	
	Intencional	0	
N.S. Graça de Póvoa E Meadas	Indeterminada	1	6
	Negligente	4	
	Natural	0	
	Intencional	1	

Quadro 7. Total de incêndios e causas por Freguesia (2009 – 2013)

Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014

5.9. FONTES DE ALERTA

De acordo com o **Gráfico nº 13**, verificamos que das 40 ocorrências que se verificaram no concelho no período 2009-2013, 25 (62%) foram detetadas por populares, assumindo-se estes como a principal fonte de alerta no concelho. Nas restantes ocorrências os alertas foram dados via 117 (8%), através dos postos de vigia (5%) e através de outras fontes que não aquelas identificadas anteriormente (25%).

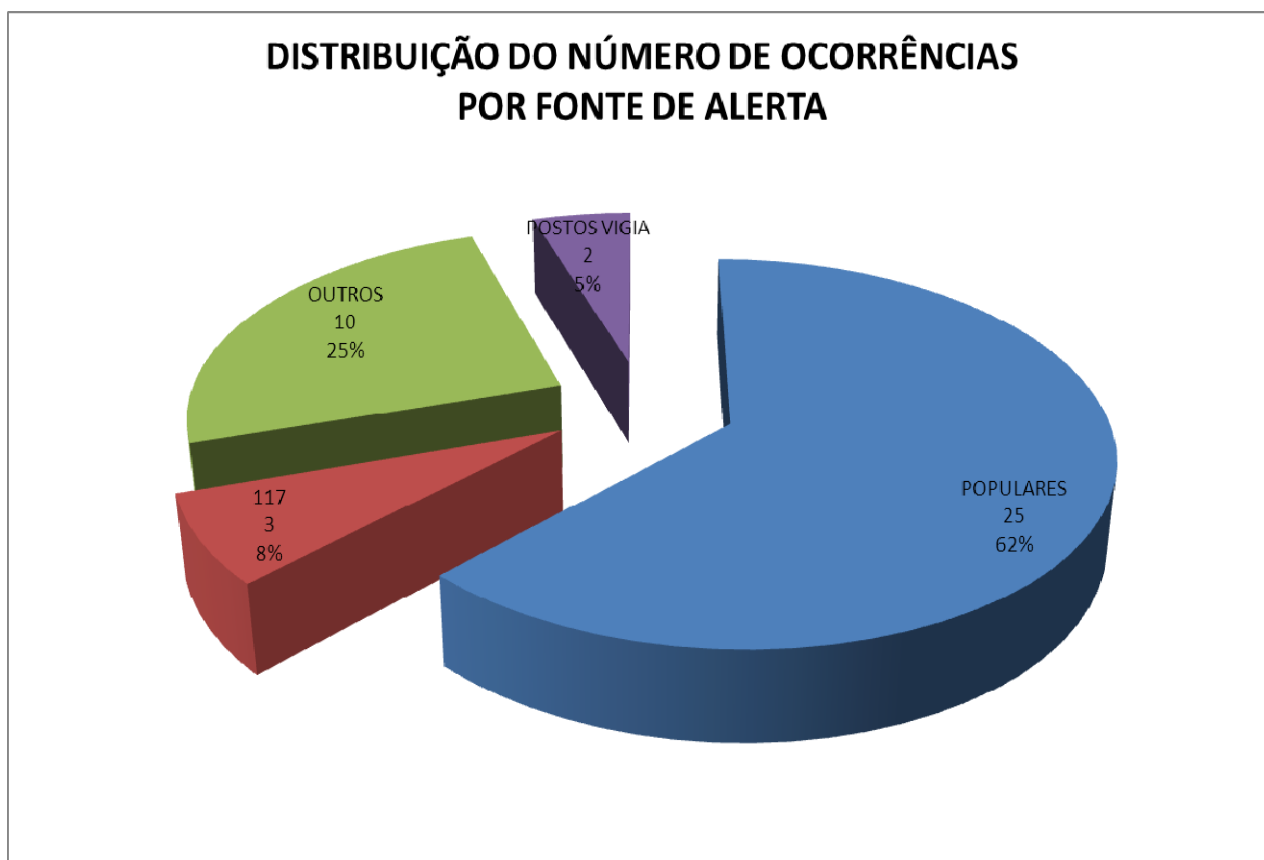


Gráfico 13. Distribuição das Ocorrências verificadas no concelho de Castelo de Vide de acordo com a fonte de alerta

5.10. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA ≥ 100HA) – DISTRIBUIÇÃO ANUAL

A ocorrência de grandes incêndios necessita a conjugação de vários fatores, dos quais destacamos, a alta carga combustível e as condições meteorológicas extremas.

A preponderância destas variáveis na ocorrência de grandes incêndios é bastante preocupante, uma vez que variados estudos apontam para o aumento da periodicidade da ocorrência de fenómenos meteorológicos extremos, e que o progressivo envelhecimento da

população associado ao êxodo desta para as grandes cidades potencia o aumento da carga combustível nos espaços rurais, na medida em que promove o abandono daqueles espaços. Assim será prudente estimar que, teoricamente, estarão criadas as condições para que a ocorrência de grandes incêndios possam vir a apresentar ciclos bastante mais curtos.

Da observação conjunta do **Mapa 17** e do **Gráfico n.º 14**, referentes à área ardida e número de ocorrências, com área igual ou superior a 100 ha, verificadas no concelho de Castelo de Vide (2004-2013), concluímos que neste período o concelho foi assolado apenas por uma ocorrência com essas características, a qual ocorreu no ano de 2005 e originou um total de área ardida de 478 ha.

De realçar que a ocorrência em causa teve a sua origem no concelho vizinho de Nisa, em local denominado de Vale de Figueira, tendo depois alastrado à parte norte do concelho de Castelo de Vide, concretamente a áreas da Herdade da Meada.

No quadro seguinte (**Quadro n.º 8**), podemos observar os valores totais de área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão, verificados no último decénio no concelho de Castelo de Vide.

Ano	Classes de Área (ha)			Total
	100 - 500	>500 - 1000	>1000	
2004	0	0	0	0
2005	478	0	0	478
2006	0	0	0	0
2007	0	0	0	0
2008	0	0	0	0
2009	0	0	0	0
2010	0	0	0	0
2011	0	0	0	0
2012	0	0	0	0
2013	0	0	0	0
Total	478	0	0	

Quadro 8. Valores totais da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão (2004-2013)

Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014

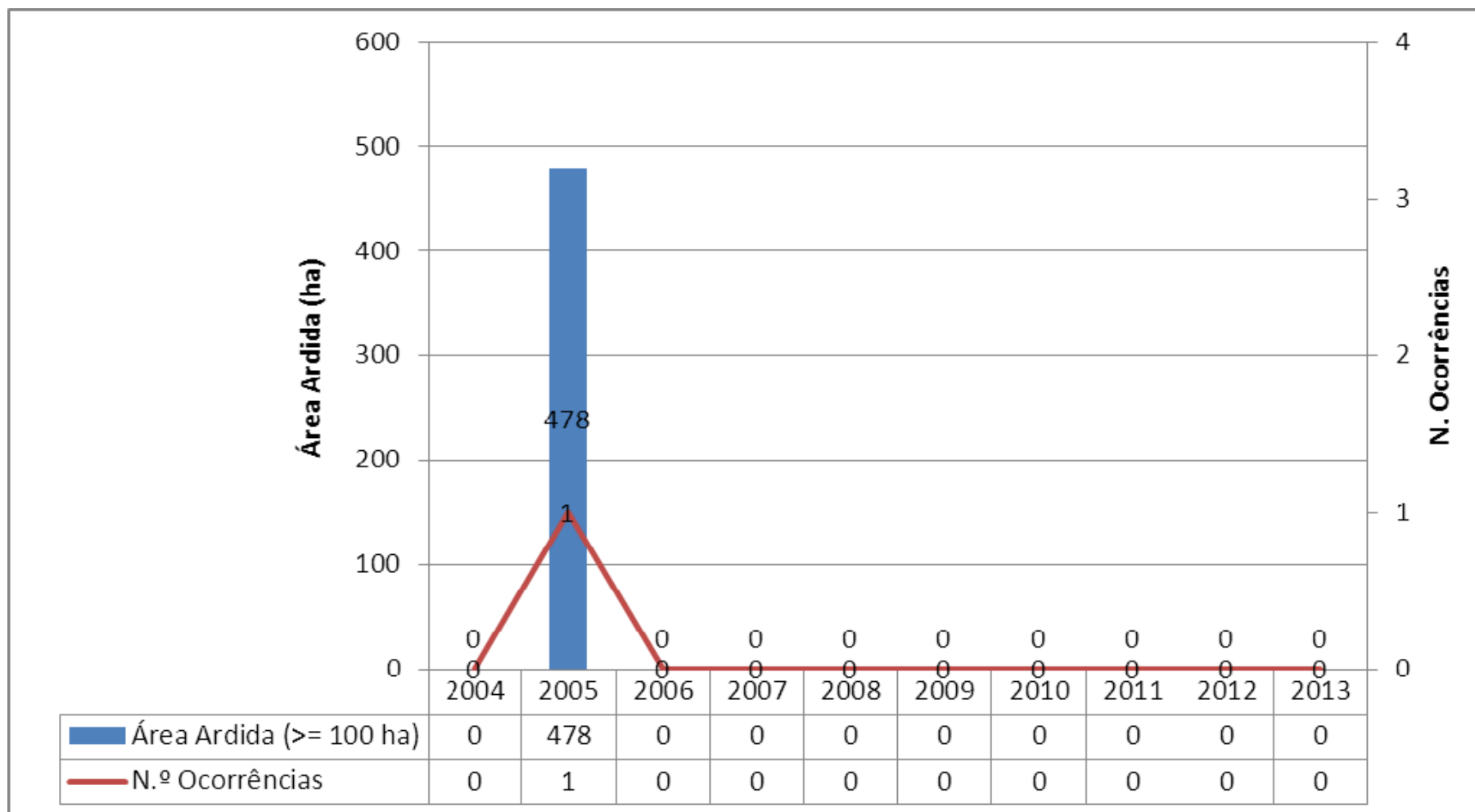


Gráfico 14. Distribuição anual da área ardida e número de ocorrências dos grandes incêndios (2004-2013)

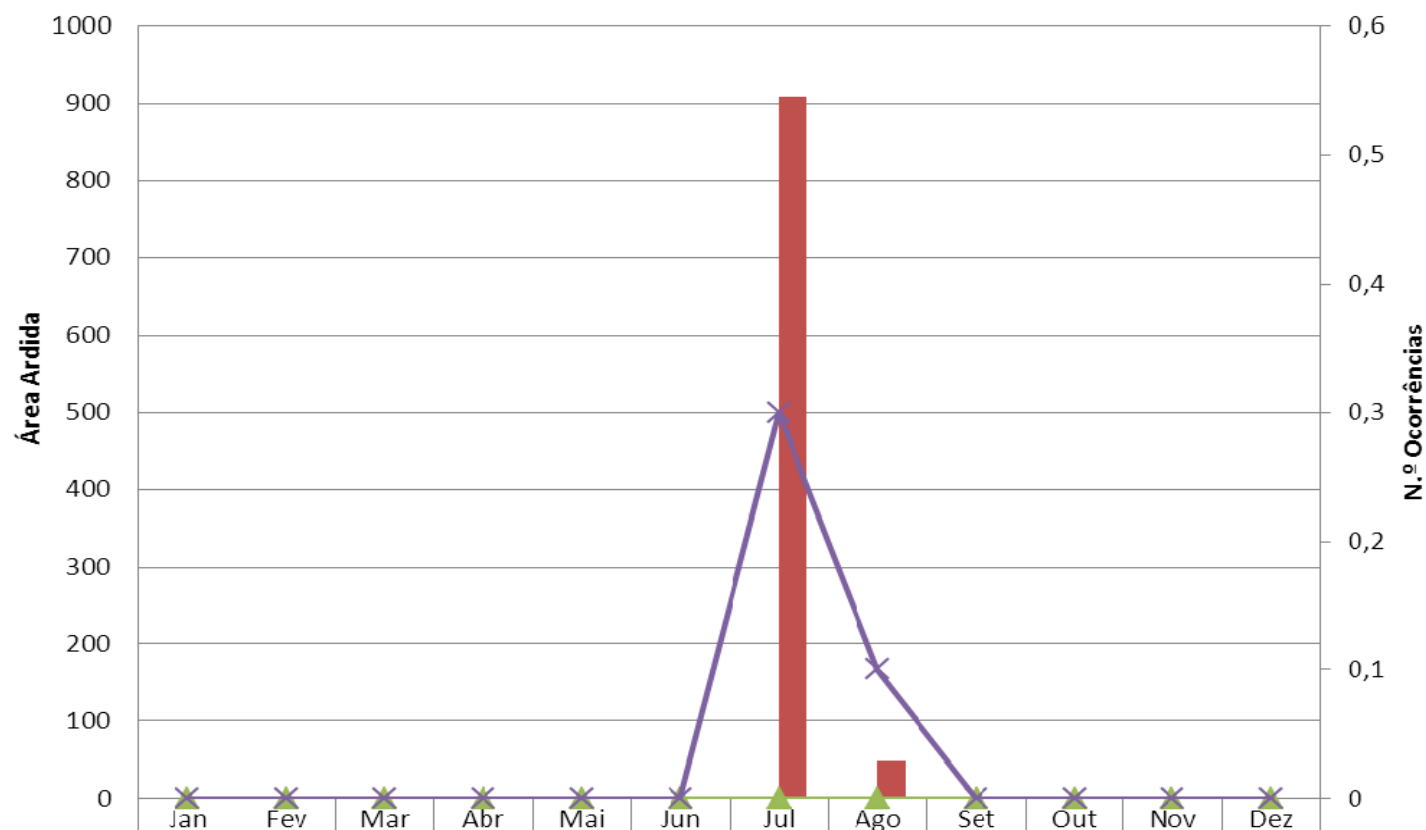
Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014

5.11. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA ≥ 100 HA) – DISTRIBUIÇÃO MENSAL

O gráfico seguinte (**Gráfico n.º 15**), pretende ilustrar os valores de área ardida e número de ocorrências verificadas no ano de 2013, em comparação com o verificado, em valores médios, para o último decénio (2003-2012), no referente a grandes incêndios no concelho de Castelo de Vide.

Como se pode observar no ano de 2013 não se verificou qualquer ocorrência com área igual ou superior a 100 ha, sendo que durante o decénio anterior se verificou a ocorrência de 4 grandes incêndios. Os incêndios em causa ocorreram nos meses de julho (3) e agosto (1), apresentando o mês de julho um valor médio de área ardida em grandes incêndios bastante significativo (908,84 ha), resultado, essencialmente dos grandes incêndios ocorridos no concelho no ano de 2003, os quais se concentraram nesse mês.

De realçar que somente com 4 grandes incêndios no período em estudo, não nos é possível considerar de forma concreta a existência de qualquer tipo de padrão seguido pelos grandes incêndios.



Área Ardida 2013 (>100ha)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Média 2003-2012 (>100ha)	0	0	0	0	0	0	908,84	47,8	0	0	0	0
N.º de Ocorrências 2013 (>100ha)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Média 2003-2012 (>100ha)	0	0	0	0	0	0	0,3	0,1	0	0	0	0

Gráfico 15. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média do período 2003-2012 – Grandes Incêndios (≥ 100 ha)

Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014

5.12. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA ≥ 100HA) – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL

O **gráfico n.º 16** apresenta a área ardida resultante de ocorrências que atingiram área ardida ≥ 100 ha, no ano de 2013 e o valor médio verificado no último decénio, por dia da semana.

Conclui-se que no concelho de Castelo de Vide, durante o período em estudo, os grandes incêndios ocorreram segunda-feira (1), quinta-feira (2) e domingo (1).

De realçar que somente com 4 grandes incêndios no período em estudo, não nos é possível considerar de forma concreta a existência de qualquer tipo de padrão seguido pelos grandes incêndios.

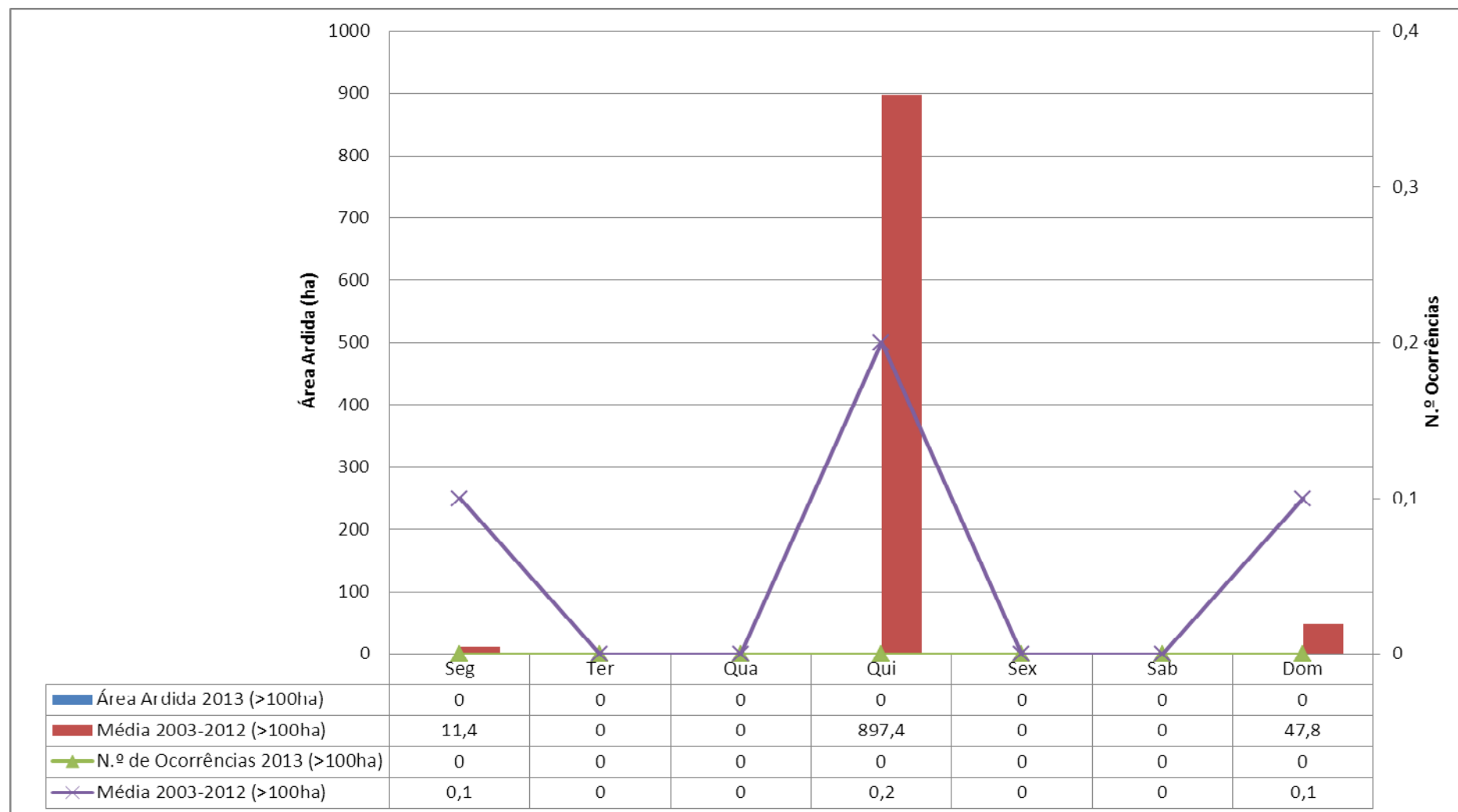


Gráfico 16. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média do período 2003-2012 – Grandes Incêndios (≥ 100 ha)

Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014

5.13. GRANDES INCÊNDIOS (ÁREA ≥ 100HA) – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

Relativamente à área ardida e ao número de grandes incêndios por hora do dia, verifica-se que embora o número de grandes incêndios no período em estudo não nos permita tirar grandes conclusões ao nível do padrão por si apresentado, podemos ainda assim verificar que a hora de início das 4 ocorrências com área ≥ 100 ha se concentra entre as 12h25 e as 16h10, encaixando-se no período do dia em que por norma a dificuldade de supressão de incêndios é superior.

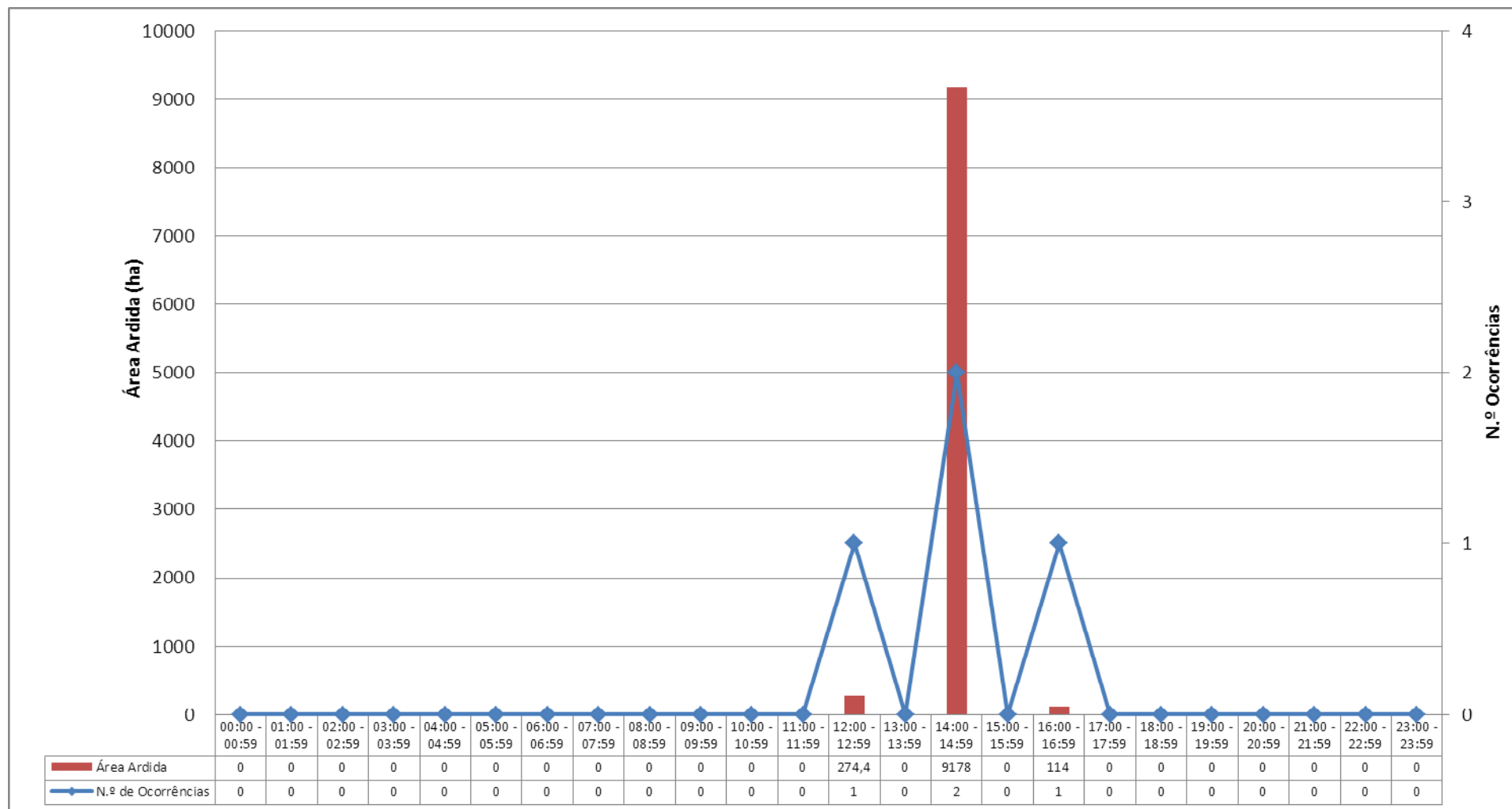


Gráfico 17. Distribuição horária da área ardida e número de ocorrências 2003-2013 – Grandes Incêndios
Fonte: ICNF; Município de Castelo de Vide, 2014